

4

A mística pára-quedista e a construção autobiográfica do ‘pequedê’

“Se algum dia a intervenção física prevalecer sobre a palavra
A capacidade operante vier a ser fundamental
A rapidez e a agressividade, sobrepuserem-se à razão
A incoseqüência, determinação e vontade de se cumprir a missão,
Seja ela em qualquer lugar
De qualquer maneira
A qualquer hora,
Mesmo que nossas vidas sejam sacrificadas,
Porque temos o Brasil acima de tudo,
Estamos prontos !
Pára-quedistas nós somos”
(Hino do pára-quedista)

Devo ressaltar que a perspectiva socioconstrucionista, como coloca De Finna (2006:353), influencia minha visão da construção das identidades dos pára-quedistas como um processo fundado em diferentes tipos de práticas sociais. O sentido construído pelos participantes da pesquisa no que se refere ao contexto interacional onde surgem as narrativas que analiso, isto é, as entrevistas, determinam os diferentes tipos de narrativas elaboradas pelos entrevistados. Ora, as falas e narrativas produzidas durante as entrevistas fornecem um lócus específico para a construção de um inventário particular de identidades. Cada um de meus entrevistados representava de forma ou de outra as instituições Exército Brasileiro, a Brigada de Infantaria Pára-quedista e o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista. Assim, a voz institucional estava presente nas falas e nas narrativas dos combatentes pára-quedistas com quem conversei. Ainda ressoando De Fina (2006:353), “as identidades que as pessoas mostram, desempenham, contestam ou discutem em interação são embasadas nas ideologias e crenças nutridas pelos interactantes acerca das características dos grupos sociais, de suas categorias além das implicações de ser um de seus membros.” Desta forma, os valores institucionais vivenciados pelo grupo de pára-quedistas subjazem de forma complexa as narrativas e falas produzidas por eles, já que tais combatentes vinculam-se à instituição.

Segundo Goffman ([1961] 2008) os vínculos que unem o indivíduo a entidades sociais – uma ideologia, uma nação, um ofício, uma pessoa ou mesmo uma conversa – provocam atitudes responsivas em seus membros, isto é, certas

obrigações, identificações, ligações emocionais, enfim: compromisso e adesão. Goffman (ibidem:148) coloca ainda que “ao concordar em dar certas coisas e conservar outras, o indivíduo tacitamente concorda que é o tipo de pessoa que tem esses tipos de coisas para dar e conservar.” Entendo, pois, que ao aderirem voluntariamente ao 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, os entrevistados desta pesquisa supõem que tenham tal potencial para desempenhar determinado caráter e forma de ser. Nas análises que passo a apresentar procurei perceber como o indivíduo entende essa situação.

A seguir, dedico-me à análise das narrativas elaboradas durante as entrevistas tendo como foco principal as categorias identitárias nativas inicialmente propostas pelo Capitão Vieira e que constituem as bases da mística pára-quedista. Procuo entender como e em que medida os pára-quedistas com quem conversei servem-se de tais ideais para construir suas identidades e a realidade em que estão inseridos, que sentidos eles constroem para tais categorias, como eles organizam e negociam os sentidos que atribuem a seu contexto profissional e a si próprios.

4.1

“São os pára-quedistas que chegaram; é a tropa de elite do Exército Brasileiro” – Socioconstruindo o *self*

Apresento, a seguir, uma análise inicial de uma narrativa que considero bastante emblemática, em que muitos elementos da mística pára-quedista são instanciados. Além disso, uso esta narrativa como abertura das análises, pois penso que ela pode contextualizar os dados ao mesmo tempo em que informa meu leitor sobre os tipos de atividades em que o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista é empregado.

Analiso aqui uma fala do Capitão Vieira em que julgo ter materializado lingüisticamente suas experiências, entendendo e construindo o mundo que o cerca e a si próprio (Brockmeier & Carbaugh, 2001), construindo uma faceta situada de seu *self* (Goffman, 1988) em face de valores cultuados na cultura pára-quedista. Com o evento narrado, o militar entrevistado traça um aspecto de sua autobiografia (Bruner, 2001:29), posicionando-se e avaliando os acontecimentos

que narra ao ser indagado sobre os tipos de missões em que é empregado na Força. O *self* socioconstruído marcha na cadência ao som do dobrado que soa a natureza lingüística da existência humana.

Como explicitarei anteriormente, à luz de Goffman (1985, 1988), “o *self* não se origina do seu possuidor, mas da cena inteira de sua ação, sendo gerado por aqueles atributos dos acontecimentos locais que os torna capaz de ser interpretado pelos observadores”. Nesta análise o foco recai também sobre a narrativa como um lócus onde as dimensões emocional e avaliativa da construção de identidades fazem-se vivas. Entendo, pois, todo o jogo lingüístico-narrativo e autobiográfico construído pelo entrevistado como um esforço para desempenhar um papel, para evidenciar o *self* desejado, não apenas agindo, mas beneficiando-se do prazer ontológico de sua ‘performance’, a satisfação de ser.

Segue a análise do trecho que intitulei a partir de uma das falas do Cap Vieira: “São os pára-quedistas que chegaram; é a tropa de elite do Exército”.

1	Dan	em que tipos de ↑missões vocês são empregados? por exemplo
2		... o vinte e seis?
3	Vei	bom, o vinte e seis ... ele...ele:: ... como eu disse ele
4		pode ser empregado em QUALQUER ambiente operacional... seja
5		de ↑selva, de ↑caatinga, de ↑montanha, no pantanal e nós
6		temos sido empregados já desde praticamente () o exército
7		vem empregando a gente muito em garantia da lei e da ordem
8	Dan	humhum
9	Vei	né? então o vinte e seis, eu tenho muita missão, ↑no vinte e
10		seis, a maioria das missões do emprego da garantia da lei e
11		da ordem... né? em ↑favelas ... >aqui no rio de janeiro<
12	Dan	você já subiu alguma favela? =
13	Vei	=JÁ ... fave:la
14	Dan	algum episódio ... marcante?
15	Vei	é ... eu eu tenho muito orgulho dessa última subida que eu
16		que eu dei ... é: no no ↑complexo do alemão
17	Dan	sei?
18	Vei	por ser o ↑complexo do alemão ... esse nome todo, né? a gente
19		sabe que lá tem realmente ... é ... um poder do tráfico muito
20		grande ... né? principalmente do comando vermelho e:: eu era
21		o oficial de operações e eu tive a oportunidade de subir com
22		uma manobra que nós do estado maior, juntos, e com a decisão
23		do comandante, conseguimos subir ↑até um ponto mais alto lá
24		em cerca de uma hora e meia, duas horas e ↑conquistar aquele
25		ponto. e sem nenhuma ↑baixa e cumprindo o nosso objetivo
26		conseguimos informações de onde estavam os fuzis. >foi
27		naquela operação de resgate do armamento né?<
28	Dan	AH sei. de regatar, né?
29	Vei	algumas informações importantes saíram ali:: e que mais tarde
30		é é acabou aparecendo lá na perto rocinha.
31	Dan	[sei sei
32	Vei	[nós fomos pra rocinha também
33	Dan	humhum

34	Vei	então ↑marcou bastante ... e teve um ↑disparo també:m que
35		pegou entre eu e um tenente da minha equipe, tenente everton
36		reis
37	Dan	sei? ne nessa operação?
38	Vei	nessa operação, pegou entre nós dois. Foi ↑muito pouco tiro
39		nessa operação, ELES DIFERENCIARAM MUITO DEPOIS QUE NÓS
40		CHEGAMOS ... eles estavam lá uma tropa, uma OUTRA TROPA.
41	Dan	ah? sei
42	Vei	né? ↑não pára-quedista e eles ... estavam lá, tudo acuado lá,
43		tomando tiro pra caramba... quando NÓS chegamos, a gente já
44		sai falando pra população, ó, avisa que é o dois meia, avisa
45		que é o dois meia, né ... porque infelizmente tem gente que
46		dá baixa e acaba ... indo para o outro lado e sabe
47	Dan	[ah? sei
48	Vei	[que aqui a tropa: chega: >pra cumprir missão< e ↑aí
49		diminuiu, o tratamento
50	Dan	foi diferente?
51	Vei	foi diferente, foi com RESPEITO
52	Dan	mas ... é ... você acha que eles viam a boina grená e o boot
53		marron? ou por causa do “avisa que é o dois meia, avisa que é
54		o dois meia” ?
55	Vei	não, é, >em ↑primeiro lugar por ser pára-quedista< né? em
56		primeiro lugar por ser pára-quedista ... todo mundo sabe que
57		aonde chega, isso aconteceu em outras missões, que eu fui pra
58	Dan	outros estados também, “ih, olha lá, são os pára-quedistas
59	Vei	que chegaram” ... é a tropa de elite do do do exército
60		humhum
61		então sempre há esse ↑JÁ há esse respeito naturalmente.

4.1.1

“Podemos ser empregados em QUALQUER ambiente operacional” (Capitão Vieira)

Na linha 1 eu faço a pergunta que motivará as narrativas elaboradas pelo meu par-entrevistado. Eu pergunto sobre a natureza das missões em que o 26º BIPqdt é empregado.

Em sua resposta, iniciada na linha 3, o Cap Vieira marca com entonação diferente a palavra ‘qualquer’, sendo esta palavra pronunciada em volume mais alto. Interpreto que esta marca prosódica já denote certa intenção na construção do sentido que o Cap Vieira deseja evidenciar para a organização militar em que serve. Ele me faz entender que seu batalhão apresenta capacidade técnica altamente especializada, podendo ser empregado em todo e qualquer terreno ou geografia. O Batalhão me é desenhado com um ar de onipotência técnico-operacional, valorizada e vivenciada por meu entrevistado. É neste contexto que o Cap Vieira insere-se, ele é parte desta tropa que pode agir nos mais diversos rincões do país. Espelhando-se no grupo, o entrevistado evidencia suas

características. Ele deve ser entendido aqui como um combatente preparado e capaz de cumprir sua missão em qualquer parte do Brasil.

Segundo Bulcholtz and Hall (2003), para afiliar-se ao grupo, não basta apenas aplicar-se categorias coletivas. Da forma análoga, para dizer-se um pára-quedista, Vieira deverá evidenciar agência e poder. É o que faz. Na linha 9 o Cap Vieira traz para a interação uma observação que chama minha atenção. Ele diz que é empregado em missões de garantia da lei e da ordem³ em favelas do Rio de Janeiro. Garantir a lei e a ordem é atividade para tropas consideradas de elite e de alto nível técnico. O Cap inicia um processo interacional de construção de self perante a pesquisadora. Na linha 12 eu lhe pergunto se ele já subiu alguma favela, ao que ele responde contiguamente, de forma direta e em volume mais alto, denotando, também em sua fala, firmeza e decisão: virtudes consideradas importantes em um combatente pára-quedista. Percebo em sua fala agentividade e poder.

4.1.2 Um episódio marcante

Ao deparar-me com resposta de tamanha certeza (l. 13), não hesitei em aprofundar o assunto, pois percebi que o Cap Vieira tinha ricas experiências a compartilhar. Perguntei-lhe (l.14) “algum episódio ... marcante?”

A partir da linha 15, este pára-quedista inicia a elaborar uma trama narrativa que lhe permite trabalhar linguisticamente em função da auto-imagem que pretende sustentar: um combatente audaz, valoroso, corajoso, tecnicamente capaz, experiente, disciplinado, dotado de espírito de equipe. Percebo também que, ao longo de sua narrativa, referências a seu sentimento de pertencimento ao grupo são explícitas, isto é, suas narrativas trazem o código semântico e ideológico compartilhado pelo grupo de pára-quedistas. O personagem principal de sua estória é ele próprio. A estória é narrada sob seu ponto de vista. Sua narrativa contribui para que facetas de seu self sejam desempenhadas e mostradas.

³ Em uma situação de desordem urbana, esgotados os meios dos órgãos de segurança pública previstos em lei, a Constituição Federal (artigos 142 e 144) prevê que forças pacificadoras sejam usadas para a garantia da lei e da ordem.

À linha 15, o Cap Vieira inicia uma narrativa, avaliando-a previamente, posicionando-se quanto ao sentimento que lhe é suscitado com tal passagem. Como coloquei anteriormente, segundo Taylor (2005:52), “ser um self é uma questão de como as coisas importam para nós”. O Cap Vieira assume uma posição bem demarcada: a lembrança de tal episódio causa-lhe orgulho e é deste lugar que ele narra.

Noto em sua fala uma construção intrigante. Nas linhas 15 e 16, quando ele se refere à favela onde se deu o evento sobre o qual narrará, ele diz: “essa última subida que eu dei ... é: no complexo do alemão ((...))” . Ele se refere a atividade de elevado nível de periculosidade com um tom de quem faz isso rotineiramente. Ao salientar que vai falar sobre a ‘última subida que ele deu’, implica que ele já subiu outras vezes. Alguém que ‘dá subidas’ no Complexo do Alemão a fim de garantir a lei e a ordem será visto como uma pessoa que se destaca, que enfrenta perigos, enfrenta a morte em momentos em que todos os demais órgãos de segurança pública já foram esgotados.

No prosseguimento de sua fala (l. 18, 19 e 20), o capitão elabora orientações que reforçam a imagem da dificuldade da missão, construindo o contexto perigoso⁴: “por ser o ↑complexo do alemão ... esse nome todo, né? a gente sabe que lá tem realmente ... é ... um poder do tráfico muito grande ... né? principalmente do comando vermelho e::”

À linha 21, ele elabora mais uma orientação para o episódio a ser narrado, desta vez destacando sua própria imagem de combatente em meio ao grupo. Ele diz: “e:: eu era o oficial de operações ((...))”. Investindo-se da identidade do oficial de operações⁵, o Cap Vieira salienta mais uma faceta do self que vem desempenhando: um pára-queda profundamente conhecedor da doutrina e digno de planejar toda a execução da operação. Dentro de seu escalão

⁴ O Complexo do Alemão é um bairro da zona norte do Rio de Janeiro constituído por um conjunto de 12 favelas, sendo um dos mais violentos da cidade, com uma área territorial - 296,09 ha (2003) - de cerca de 3 quilômetros quadrados e uma população de mais de 70.000 pessoas . Ação de facções criminosas como o Comando Vermelho e o Terceiro Comando disputam violentamente o controle do narcotráfico.

⁵ Ao oficial de operações de uma manobra, cabe planejar, coordenar e controlar a execução de uma operação, o posicionamento da tropa e atividades práticas a fim de cumprir a missão. Para tanto, ele deve conhecer muito bem a doutrina, exercer a liderança e o espírito de equipe. Ele é o responsável por integrar esforços no intuito de sincronizar os demais sistemas envolvidos na manobra, a saber: apoio de fogo, inteligência, logística, comando e controle, mobilidade, contra-mobilidade, proteção etc.

de comando, ele faz-se destacar como peça importante a quem responsabilidades técnico-operacionais são confiadas.

Ainda à linha 21 ele inicia a ação complicadora em que instancia uma série de ações (subimos, conquistamos, conseguimos informação), todas evidenciando sucesso e conquistas: “eu tive a oportunidade de subir com uma manobra que nós do estado maior, juntos, e com a decisão do comandante, conseguimos subir ↑até um ponto mais alto lá em cerca de uma hora e meia, duas horas e ↑conquistar aquele ponto. e sem nenhuma ↓baixa e cumprindo o nosso objetivo conseguimos informações de onde estavam os fuzis.”.

O capitão vem falando de si, de sua participação na missão. Salienta que ‘teve a oportunidade de subir com uma manobra’, no entanto parece fazer um reparo ao trazer para sua narrativa o espírito de equipe na imagem do grupo ‘nós do estado maior, juntos’. Observo que seu espírito de equipe faz-se presente, ele não foi só, ele era parte da tropa que realizou a ação contra a força adversa. Além disso, ele denota valores cultuados em seu grupo, hierarquia e disciplina, ao evocar a figura de seu superior hierárquico nas decisões da manobra “e com a decisão do comandante”.

Construção curiosa, também, é o emprego que o capitão faz da palavra ‘oportunidade’, na linha 21. Percebo que o uso de tal palavra constrói um sentido positivo para a missão. O capitão avalia a perigosa manobra como uma chance. Entendo que para ele, poder subir o Complexo do Alemão é um prêmio, algo que lhe confere sentimento de recompensa e o destaca da maioria das pessoas.

Na linha 25, o capitão Vieira elabora a resolução “cumprindo o nosso objetivo conseguimos informações de onde estavam os fuzis.” Nesta resolução, ele evidencia mais uma característica da tropa pára-quedista: obter sucesso no cumprimento de suas missões, ou seja ‘vencer a batalha’.

Nas linhas 29, 30 e 32, Vieira elabora outras resoluções para o episódio narrado, intensificando sua reportabilidade e, conseqüentemente, o valor da tropa que integra e de sua própria atuação: “algumas informações importantes saíram ali:: e que mais tarde é é acabou aparecendo lá na perto rocinha.”.

Na linha 34, Vieira elabora uma avaliação em forma de coda, que reforça o sentido que ele constrói para sua narrativa, reportando-se a minha pergunta inicial (l. 14) “então ↑marcou bastante”.

Nesta mesma linha 34, Vieira volta à ação complicadora, inserindo mais itens que julgou relevantes serem ainda mencionados. Tais eventos da ação complicadora funcionam intensificando as dificuldades, o perigo da missão e os riscos de morte que correu: “e teve um disparo também que pegou entre eu e um tenente da minha equipe, tenente everton reis”.

4.1.3

“A outra tropa estava acuada, tomando tiro pra caramba” (Capitão Vieira)

A partir da linha 38, o Cap Vieira compara a tropa pára-quedista com uma tropa não-páraquedista que estava, sem muito sucesso, atuando na missão antes que seu batalhão (o 26° BIPqdt) fosse acionado a intervir. Enriquecendo a ação complicadora, ele elabora uma fala em relação à outra tropa que age enaltecendo e diferenciando as virtudes dos pára-quedistas. Os pára-quedistas são mais uma vez construídos como diferentes, tecnicamente superiores às tropas não-pára-quedistas, respeitados e temidos pelas forças adversas, enfim, vencedores.

4.1.4

“olha lá, são os pára-quedistas que estão chegando, é a tropa de elite do Exército” (Capitão Vieira)

Na linha 52 eu faço uma pergunta com a intenção de motivar meu pesquisado a falar mais sobre o respeito de que goza a tropa pára-quedista até mesmo em relação a seus inimigos. É o que faz o Cap Vieira da linha 55 à 61.

No intuito de responder minha pergunta, Vieira, em ritmo mais acelerado, enuncia e repete uma colocação: “>em primeiro lugar por ser pára-quedista< né? em primeiro lugar por ser pára-quedista”. Ressalto o uso da expressão ‘primeiro lugar’ e sua repetição. Mais uma vez a tropa pára-quedista é destacada das demais, é enaltecida em forma de uma tautologia: ‘os pára-quedistas são respeitados por serem pára-quedistas’. Interpreto que, para Vieira, tal formulação discursiva abre portais míticos fundantes de interpretações que remetem a poder, vitória, força, respeito etc.

Para fortalecer seu argumento, Vieira insere uma avaliação externa (l. 56). Na voz daqueles ('todo mundo') que avistam e admiram os pára-quedistas: "todo mundo sabe que aonde chega, isso aconteceu em outras missões, que eu fui pra outros estados também, "ih, olha lá, são os pára-quedistas que chegaram ... é a tropa de elite do do do exército".

Afirma em uma coda (linha 61), ainda justificando sua tautologia, que esse respeito pela tropa pára-quedista é natural, esperado e devido. Para Vieira a tropa de elite da qual faz parte é mesmo merecedora da admiração e do respeito com que é tratada tanto por forças amigas quanto pelos inimigos.

Evidenciando a centralidade do discurso na construção e negociação de identidades, as narrativas do Cap Vieira, em interação com a pesquisadora, funcionam negociando o significado social da estória contada. Vieira desempenha o papel não só de narrador de um episódio, mas também se coloca como o ator principal do evento narrado. Este profissional do combate empenha-se em um elaborado trabalho discursivo cujos efeitos semântico-identitários acabam por saudá-lo com um sentido subjetivo para sua própria existência, seu *self*. Ele orgulha-se da tropa que integra. Entendo que falar da tropa é uma metonímia para falar de si. Ele faz-se capaz profissionalmente, corajoso, um líder com espírito de equipe, que valoriza a hierarquia e a disciplina. Ele é o herói de sua própria estória. Um herói que respeita e valoriza os valores legitimados em seu grupo, utilizando-os como pára-quedas para lançar-se em direção a sensações ontológicas e sentimentos de que sua existência jamais será em vão, pois que ao ser narrada, é plena de sentidos.

Considero, assim como Goffman ([1959] 1975:230), que o *self* construído pelos pára-quedistas é um efeito dramático de suas performances narrativas. Gergen & Gergen (2001), argumentam, corroborando com a ideia de *self* elaborada por Goffman, que as narrativas constituem um locus privilegiado para dar vida ao *self*, uma vez que um dos aspectos mais salientes das narrativas é sua capacidade de criar sentimentos dramáticos e emoções. O ato de narrar, por sua natureza, proporciona aos pára-quedistas palco para que deixem falar o *self*, de forma autobiográfica.

Brockmeier (2000:59) conceitua narrativas autobiográficas como aquelas em que os eventos e enredo giram em torno de um protagonista narrador, entendido como o *self* produzido na narrativa, suas ações, pensamentos,

sentimentos, memórias, intenções, emoções. Desta forma, entendo como autobiográficas as narrativas em que os pára-quedistas se constroem como os personagens principais, pois que tais narrativas dão vida ao *self* dos pára-quedistas.

As narrativas autobiográficas, nutridas por modelos históricos e culturais específicos, oferecem um amplo espectro de opções para construções de identidades de *self*. Elas oferecem ao narrador-protagonista possibilidades de modelar tanto sua história de vida, como também seu senso genuíno de *self* em um dado cânone cultural. (Brockmeier, 2000:70). Nos dados gerados para esta pesquisa, os narradores-pára-quedistas utilizam-se dos ideais respeitados e cultuados na Brigada Pára-quedista como tema e ponto de suas narrativas, para além disto, protagonizam as histórias que contam, manifestando emoções e sensações acerca de suas próprias existências, ou seja, no efeito dramático de suas narrativas constroem-se como seres genuínos, *self's* ricos em sentidos e significados.

Passo, a seguir, a apresentar e analisar trechos das entrevistas em que, além do Capitão Vieira, os demais pára-quedistas instanciam e lidam linguisticamente com os mesmos valores ressaltados pelo meu primeiro entrevistado.

4.2

“Não somos melhores nem piores, apenas diferentes.” (Cap Vieira) – Identidade e diferença na construção dos perímetros do grupo

Meu olhar sobre os valores compartilhados pelo grupo estudado se dá em função de uma idéia mencionada repetidas vezes nas entrevistas. Os pára-quedistas com quem conversei se declaram diferentes dos militares não-pára-quedistas, escolhendo, muitas vezes explicitamente, o léxico ‘diferente’ para se definirem enquanto grupo. O sentimento de diferença instanciado em suas falas reforça os limites do grupo e fortalece-o, isto é, esclarece quem pode ou não integrar esta tropa de elite (como eles mesmos se definem) e compartilhar as experiências vividas ali.

O comandante do Batalhão, Coronel Ermínio, fala de seus homens e os diferencia dos demais destacando o entusiasmo e a vibração com que sua tropa realiza as atividades diárias, o que pode ser visto no trecho que mostro a seguir.

21	CE		mas hoje mesmo eu chamei atenção pra esse o aspecto do
22		▶	treinamento ↑físico ... como as nossas subunidades são
23		▶	diferentes das demais ((está comparando as subunidades
24		▶	do 26 com as de outros batalhões pára-quedaistas)) ,
25		▶	então você vê nitidamente ((telefone toca, corte na
26			gravação))
27	MD		ok ((gravação é retomada)) 00:00:00 -
28	CE		então, o que:: eu chamei atenção para alguns capitães
29			que estavam treinando hoje:: comigo ali, no tfm ⁶ ... que
30			as companhias, você vê a vibração, às vezes eles não me
31			vêm, não vêm outros capitães, e já saem vibrando e
32			com esse... é... com esse ↑ESPÍRITO dessas palavras,
33			desses termos que são ditos na nossa oração, e é
34			mu:ito, >é da carreira militar também< que o
35		▶	treinamento árduo e difícil é que vai conduzir aquela
36		▶	tropa ao sucesso mais é: facilitado. então a gente nota
37		▶	isso aqui. >mas é mais do pára-quedaista, não é só do
38		▶	vinte e seis<. agora, comparando, a MINHA tropa, a
39		▶	tropa aqui do vinte e seis com com os demais ... a
40		▶	gente vê que tem uma vibração um pouquinho diferente
41	MD		hum hum
42	CE	▶	por esse orgulho que a gente... busca estimular no dia-
43			a-dia =

Em sua narrativa, o TC Ermínio observa que sua tropa mostra-se diferente das demais ao realizar o treinamento físico militar, destacando seu entusiasmo e vibração. Analiso que o ponto desta narrativa e o sentido construído é o de que os pára-quedaistas do ‘vinte e seis’ são diferentes dos pára-quedaistas de outros batalhões, melhores, por demonstrarem mais vibração e mais entusiasmo. O TC Ermínio constrói sua tropa como formada de homens motivados em relação à profissão, pois demonstram entusiasmo e vibração mesmo em momentos de desgaste físico, já que acreditam que é este treinamento difícil que tornará o combate fácil: ‘o treinamento árduo e difícil é que vai conduzir aquela tropa ao sucesso mais é: facilitado. então a gente nota isso aqui’. Mais adiante, em mais uma orientação, ele volta a comparar sua tropa com as demais, desta vez modalizando o termo ‘diferente’: ‘agora, comparando, a MINHA tropa, a tropa aqui do vinte e seis com com os demais ... a gente vê que tem uma vibração um pouquinho diferente’. Este narrador ainda insere uma explicação evidenciando o

⁶ Sigla para se referir ao treinamento físico militar.

sentimento de satisfação demonstrado pela tropa: 'por esse orgulho que a gente... busca estimular no dia-a-dia'.

O Major Firmino, em determinado momento de sua fala, também classifica o pára-quedista como um militar diferenciado dos demais. Neste trecho a tropa pára-quedista é associada à idéia de chefia e liderança, sendo o pára-quedista a própria expressão do líder, totalmente integrado à sua tropa.

8	F		é: o seguinte, tinha, já na academia ((AMAN)), a
9			verdade é essa. já na academia a gente já via o pára-
10			quedista como um camarada diferente. entendeu? era
11			como se o pára-quedista, ele fosse realmente um LIDER.
12			porque a gente aprende muito isso na academia, né?
13			essa noção LIDER, CHEFIA, né? chefia e liderança. e a
14			gente via o pqd como a EXPRESSÃO DO LIDER. por quê?
15			por que ele tava sempre junto. A gente não via um
16			tenente pára-quedista separado do pelotão dele.
17	D		certo
18	F		você olhava pra um pelotão pára-quedista e sabia "ali
19			no meio tem um comandante de pelotão", diferente de
20			outras tropas que o comandante tava sempre isolado. A
21			gente identificava lá "tá ali o comandante, tá ali a
22			tropa"
23	D		ah sim
24	F		o pqd não, olhava, "cadê o comandante? ele tá ali no
25			meio". então ISSO me fascinava, né? e o fato de chegar
26			de outro lugar. quer dizer a gente podia, a gente
27			podia ir pra qualquer ponto do do brasil, SEMPRE com a
28			nossa fração ali constituída, fazia o que tinha que
29			fazer e ia embora junto.

O Major Firmino desenvolve uma narrativa onde expõe certezas acerca das diferenças dos combatentes pára-quedistas em relação aos não-pára-quedistas. Suas escolhas léxico-gramaticais asseguram a convicção com que vê as distinções: 'é o seguinte'... 'a verdade é essa'... 'realmente um líder' ... 'SEMPRE com a nossa fração ali constituída'. Tomado de certezas, o major constrói a tropa pára-quedista como constituída por líderes, chefes que permanecem integrados a seus homens, vivendo as mesmas atividades, enfrentando as mesmas dificuldades. A idéia que se constrói é a de que o grupo é tão forte que nem mesmo o comandante da tropa, que poderia gozar de prerrogativas, distancia-se do grupo. Em uma de suas avaliações, ele instancia o valor positivo que atribui ao pára-quedista enquanto líder: 'então ISSO me fascinava, né?'. Ao referir-se às 'outras tropas', ele esclarece que nelas o

comandante está sempre isolado: ‘diferente de outras tropas que o comandante tava sempre isolado’.

A questão da diferença é, igualmente, ressaltada na fala do Cap Vagner. Este oficial, na explicação que se segue, faz uma analogia bastante interessante entre a prática do salto de paraquedas e o comportamento profissional de um pára-quedista. Ao afirmar que no salto de paraquedas, que é um movimento vertical, o pára-quedista lança-se objetivamente em direção ao seu alvo no solo, o Capitão Vagner explica que o perfil de um combatente pára-quedista é trabalhado e cunhado na prática da própria atividade aéreo-terrestre. Identidade e prática estão, segundo este pára-quedista, estreitamente relacionadas.

1	V		nós temos <um jeito>, de fazer a coisa. que é? ...
2			resolvendo a situação na primeira hora que que que
3			possa resolver.
4	D		humhum
5	V		e partindo pra cima. como? dentro daquela: pô, o salto
6			é isso. o salto é o movimento vertical. você você não
7			tem se envolver,
8	D		hum
9	V		vindo de cima,então é uma coisa agressiva, uma coisa
10			que vai direto ao ponto. as os outros tipos de
11			manobra? são manobras i:ndiretas e vão chega:ndo. a
12			nossa NÃO, já: pega todo mundo, embarca, lança lá no
13			país inimigo e dane-se. a partir daí você que se vire
14			pra viver. então essa personalidade de sobrevivência?
15			é é faz parte da da mentalidade pára-quedista. e as
16			ações, as operações, que são desenvolvidas por essas
17			pessoas, com esse tipo de personalidade são
18			diferentes.
19	D		humhum
20	V		a gente na esao ((Escola de Aperfeiçoamento de
21			Oficiais)) a gente sofre muito, assim. o pára-quedista
22			sofre muito, por você ta ali fazendo operações é é,
23			planejamentos pouco agressivos e você viveu a vida
24			toda, fazendo planejamentos ... quase que suicidas,
25			assim
26	D		sei
27	V		uma coisa mais, um pouquinho, é: não é suicida, não
28			digo suicida porque ninguém é maluco. todo mundo tem
29			medo
30	D		metaforicamente só, né?
31	V		é metaforicamente. é: você, tem uma: uma linha de
32			pensamento. você é mais audaz.

Entre as linhas 9-18 o Capitão Vagner desenvolve uma narrativa hipotética para me explicar como um pára-quedista se comporta em combate. Entre as linhas 14-18, Vagner elabora uma avaliação comunicando seu ponto de vista. Sua

avaliação funciona distinguindo os pára-quedistas dos não-pára-quedistas. Vagner avalia os pára-quedistas como dotados de espírito de sobrevivência (linha 14) e audazes (linha 32). Entre as linhas 20 e 25, nova narrativa é elaborada enfatizando a diferença e superioridade combatente dos pára-quedistas. Nas avaliações que seguem esta narrativa, Vagner elabora uma avaliação onde os pára-quedistas são construídos como audazes. Tal avaliação é instanciada como um reparo que tenta dissipar uma circunstancial imagem de suicida para um pára-quedista. Vagner não pretende que eu entenda o pára-quedista como um louco (linhas 27-30). Utilizando os termos ‘nós’ e ‘outros’ em sua fala, a diferença continua a ser enunciada em comparações com as demais tropas. Observo suas escolhas lingüísticas: “nós temos um jeito de fazer a coisa ... resolvendo a situação na primeira hora ... partindo pra cima ... direto ao ponto ... os outros tipos de manobra são indiretas ... a nossa NÃO ... as ações desenvolvidas por essas pessoas, com este tipo de personalidade são diferentes ... você é mais audaz”.

As avaliações elaboradas por meu par-interactante ressaltam, assim, que objetividade, determinação, agressividade e foco são atributos advindos da prática profissional dos combatentes pára-quedistas, que acaba por constituí-los, uma vez mais, como um grupo distinto e, apesar de não enunciar isto, superior àqueles que não saltam, os não-pára-quedistas.

Durante sua fala, o Capitão Rocca também demarca os perímetros que definem o território social que apenas um pára-quedista pode ocupar.

1		D	desde garoto assim? você admira:va, você via? onde
2			você via pára-quedista? pessoal da sua família mesmo?
3			que contato você tinha assim, com essa com essa
4			história de de ser pára-quedista?
5		R	tinha u:m, um tio meu que é pára-quedista, né? foi
6			soldado e um primo meu que foi cabo. então, visando,
7			inspirado por eles, né? eu resolvi também, vir pra,
8			pra >brigada pára-quedista< e depois, dentro do
9			exército também, né? o pára-quedista é muito é:
10			exaltado, muito exaltado e, ((interrupção da
11			interação, alguém bate à porta e fala com o Cap
12			Rocca))
13		D	dentro do próprio exército você percebia que o pára-
14			quedista é? exaltado, ele é=
15		R	= é um combatente único, né? um combatente que: ele
16			↑salta, né? e vai cumprir sua missão. então, tem que
17			ser um, tem que ser um militar selecionado.

Este oficial ressalta, em uma narrativa hipotética (linha15-16), o pára-quedista como um combatente singular já que integra a única tropa que realiza a atividade aero-terrestre, subindo a entonação ao instanciar a ação propriamente dita: ‘é um combatente único, né? um combatente que: ele ↑salta, né? e vai cumprir sua missão’. O capitão oferece uma explicação/avaliação acerca da diferença do pára-quedista: ‘então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado’ e também avalia o pára-quedista como um militar admirado por todos os integrantes do Exército: ‘e depois, dentro do exército também, né? o pára-quedista é muito é: exaltado, muito exaltado...’.

Analiso mais um trecho da fala do Capitão Rocca, desta vez uma explicação. Eu lhe pergunto como ele entende a realização do curso de pára-quedista, ao que ele responde com a idéia de transformação.

1	D		o que a área de estágio fez com você? ou de você? ((a
2			área de estágio é a fase do curso de paraquedismo em
3			que os candidatos são bastante exigidos física e
4			psicologicamente))
5	R		a área de estágio transforma, né? a gente fala lá que
6			a área transforma né, o pé preto no pára-quedista. né?
7			então eu acho que, nessa parte aí a área de estágio
8			deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão,
9			porque isso aí coloca em risco em risco, essa
10			diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a
11			própria mística pára-quedista que você, que é o
12			objetivo da sua pesquisa. então isso aí eu acho que
13			coloca em risco.
14	D		hum
15	R		a mística pára-quedista. eu acho que a brigada pára-
16			quedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa, que
17			tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra
18			demonstrações, () não pronta pra é: ser vitrine.
19			nada disso. acho que a gente tem que ser preparado pra
20			guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada
21			pára-quedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu
22			acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem
23			acreditar. porque é pra isso que a gente vive.
24	D		vocês estarem prontos pra guerra?
25	R		é

O Capitão Rocca escolhe o termo ‘transforma’ para explicar que o curso faz nascer um pára-quedista: ‘a gente fala lá que a área transforma né, o pé preto no pára-quedista’. A expressão ‘pé preto’ marca mais uma distinção ao ser usada para se referir àqueles que não são pára-quedistas e que, portanto, usam coturnos na cor preta, enquanto os pára-quedistas usam coturnos

marrons. Rocca afirma, em uma avaliação, que a área de estágio deve mesmo ser difícil para funcionar na seleção apenas dos melhores, aqueles que evidenciam qualidades para serem transformados em guerreiros alados: ‘a área de estágio deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão, porque isso aí coloca em risco em risco, essa diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a própria mística pára-quedista’.

Rocca faz uma outra avaliação que contribui na diferenciação da tropa que integra ao afirmar que aquela é uma tropa de elite que deve estar pronta para a guerra: ‘eu acho que a brigada pára-quedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa, que tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra demonstrações, não pronta pra é: ser vitrine. nada disso’. Neste ponto ele fortalece a idéia de dedicação e devotamento à profissão afirmando ser a atividade aero-terrestre a própria razão da vida desses guerreiros: ‘acho que a gente tem que ser preparado pra guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada pára-quedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem acreditar. porque é pra isso que a gente vive’. Entendo que esta seja uma avaliação deveras significativa pela intensidade com que é instanciada. Ela expõe a crença vivida por este homem: a certeza de que sua missão profissional tem um propósito tão nobre a ponto de se tornar a razão maior de sua vida.

Até aqui minhas análises concentraram-se em entender como os membros do próprio grupo demarcam seu território e quem pode ou não adentrá-lo. Como escrevem Bucholtz & Hall (2005:586), “Identidade é o posicionamento social tanto daquele que fala como daquele de quem se fala”. Por meio das narrativas que elaboram, meus entrevistados constroem-se como combatentes diferentes e superiores aos demais combatentes da Força por serem praticantes dos ideais pára-quedistas. Observo que esses narradores constroem ricas avaliações para as narrativas que elaboram. Tal recurso narrativo usado por esses pára-quedistas intensifica a reportabilidade dessas narrativas, mostrando sua relevância e importância ante a pesquisadora. Creio ainda que as avaliações instanciadas por esses militares em suas narrativas funcionam reforçando seu ponto de vista acerca de suas identidades e comunicando a esta ouvinte quão diferentes, mais objetivos, audazes, corajosos são, aos olhos dos narradores, os combatentes pára-quedistas em relação aos não-pára-quedistas .

As narrativas funcionam aqui construindo uma determinada ordem para o mundo compartilhado pelos pára-quedistas, organizando e delimitando o olhar sobre o fluxo de experiências que vivenciam. Inspirada em Riessman (1993:2), afirmo que a Brigada Pára-quedista ou o 26º BINFPqdt não contam histórias, quem as contam são os indivíduos, os pára-quedistas. Logo, interpretação é um conceito chave, isto é, as narrativas dos pára-quedistas devem ser entendidas como sua interpretação para os eventos e para os contextos onde estão inseridos. “A agência humana e a imaginação determinam o que será incluído ou excluído das narrativas, como os eventos são enredados e o que eles devem significar” (Riessman, 1993:2). Os pára-quedistas, como qualquer outro narrador, orquestram o mundo que entendem à luz das ideologias vividas nos contextos onde agem, “tornando-se as próprias histórias autobiográficas que narram” (Riessman, 1993:2).

4.3

A mística pára-quedista – vivência, experiência e prática dos ideais pára-quedistas

Os pára-quedistas com quem conversei definem o perímetro do grupo enquanto práxis. Logo, a vivência e o desempenho dos ideais pára-quedistas faz-se a condição para ser um deles e integrar o grupo. Passo, a seguir, a analisar as falas em que tais práticas⁷ são instanciadas, quer por meio de narrativas propriamente ditas, quer em explicações. Meu objetivo é entender como os membros do grupo constroem sentido para suas existências a partir da gramática social que compartilham, vivem e praticam.

4.3.1

“O pára-quedista deve ter amor pelo preparo físico” (Maj Firmino) – Preparo Físico

⁷ Refiro-me à prática dos ideais pára-quedistas: patriotismo, voluntariedade, coragem, espírito de cumprimento de missão, responsabilidade, determinação, dedicação, espírito de equipe, preparo intelectual, preparo emocional, preparo profissional, preparo físico, tradição, liderança, profissionalismo, honestidade.

É unânime, entre os pára-quedistas, a afirmação quanto à resistência física como condição primordial para ser um deles. O culto ao preparo físico é citado, explicado, narrado em inúmeras passagens dos dados gerados nesta pesquisa. Pude perceber, também, que a questão do condicionamento físico é sempre mencionada juntamente com a igual importância que dão ao preparo emocional, psicológico e intelectual. Nas palavras do Capitão Vieira: “Não adianta ser fortão e burrão”.

Nas passagens que analiso a seguir, evidencio a importância dada pelo grupo igualmente à preparação do corpo e da mente de um pára-quedista.

O Major Firmino destaca a importância do preparo físico no trecho a seguir.

31	F	[por causa do vento. exatamente.
32		tem toda uma técnica pra você desvirar, mas a técnica
33		que a gente aprende no treinamento, na área de
34		estágio, é sem mochila. sem fuzil. então quando você
35		começa a ser arrastado com mochila e fuzil é meio
36		complicado. aí, então primeiro é isso, é um espírito
37		de colaboração que tem que ter, é: o AMOR, eu diria,
38		eu usaria essa palavra: o AMOR ao preparo físico,
39		entendeu? é lógico que isso aí é essencial em
40		qualquer, militar. eu eu
41	D	sim
42	F	eu sou, né? já tô há algum tempo no exército, então,
43		embora eu tenha realmente, eu reconheço, eu SINTO que
44		a brigada é o lugar onde eu me sinto MAIS à vontade.
45		entendeu? eu posso dizer que aqui é um lugar que eu
46		me satisfaço MUITO, >já servi em vários lugares< mas,
47		é aqui na brigada que eu me sinto em CASA
48	D	o senhor se encontra aqui.
49	F	é. eu me encontro aqui, eu me sinto em casa aqui. aí,
50		o preparo físico ele é ESSENCIAL pra qualquer militar,
51		qualquer militar. mas aqui na brigada ele tem uma
52		importância ABSURDA. porque o camarada, depois de TUDO
53		que ele tem que fazer até chegar no... pra cumprir
54		missão, que é aterrar. e realmente começar a fazer o
55		que o infante faz normalmente, ele já tá MUITO mais
56		desgastado
57	D	ah sim

Neste momento de sua fala, o Major Firmino usa um termo bastante emocional para falar da importância dada ao preparo físico: amor. Ele explica que o pára-quedista sente amor pela preparação física, tamanha a sua relevância no contexto pára-quedista: ‘o AMOR, eu diria, eu usaria essa palavra: o AMOR ao preparo físico, entendeu? é lógico que isso aí é essencial em qualquer, militar.’

Nas linhas 42-47, o Major Firmino assegura-se um lugar bastante confiável donde equiparar ‘preparo físico’ e ‘amor’. Aqui noto uma estreita relação entre a narrativa do Major Firmino, uma pequena parte de sua história de vida, e a identidade que ele clama para si. Ele se constrói como um militar experiente, que já serviu em diversas outras unidades, legitimando seu comentário sobre preparação física e dizendo-se ‘à vontade’ em um lugar onde é necessário ter uma preparação física ‘absurda’. Em seu relato, o Maj Firmino confronta-se e identifica-se com o discurso institucional, que valoriza a forma física.

Na linha 52 ele avalia a importância do preparo físico como ‘absurda’ e ‘essencial’, ratificando seu valor, atribuindo a tal quesito valor sentimental ao mesmo tempo que intensifica a carga dramática da narrativa que está por vir. Ele segue, no mesmo turno, elaborando uma narrativa usada para exemplificar sua explicação, e afirma que o pára-quedista necessita estar bem preparado fisicamente em função da natureza das missões em que é empregado. Após saltar de paraquedas e aterrar, um pára-quedista deverá engajar-se no combate. A missão de um pára-quedista está apenas começando quando ele atinge o solo, muito ainda lhe será exigido durante o combate.

O capitão Vieira também fala sobre a importância do preparo físico para a tropa pára-quedista.

97	V		mas tem que tem um um um preparo físico MÍNIMO, né?
98			que te dê capacidade de durar na ação. então por isso
99			da exigência, da área de estágio, da área de estágio
100			fazer uma SELEÇÃO, né? ela seleciona realmente.
101	D		porque ser um pára-quedista militar, é é no caso não é
102			só saltar. porque tem uma porção de cursos de pára-
103			quedismo aí civil que a gente vai lá, faz o curso e
104			salta. mas o militar é diferente, porque ele vai
105			SALTAR e aí ele vai ser empregado. não é? por isso que
106			eu tenho que ter resistência física?
107	V		é. exatamente. porque é: a forma de emprego do do
108			pára-quedista, ele: na sua concepção clássica, né? ele
109			é, na doutrina, no assalto, aeroterrestre, ele é
110			lançado na retaguarda do inimigo. pra atingir um
111			objetivo né? de de importância estratégica. então como
112			você vai tá, praticamente ISOLADO né, de de tropas
113			amigas, você chega lá na frente e tá CERCADO, você
114			tem que ter um preparo INTELECTUAL, EMOCIONAL, E
115			PROFISSIONAL, E FÍSICO pra sustentar esse tempo todo.
116			tudo que você carrega tá na sua mochila. é diferente
117			de uma tropa motoriza:da, de uma tropa blinda:da, que
118			tem a viatura pra lhe apoiar o tempo ↑todo. ou ↑quase
119			o tempo todo. nós não, nós saímos do avião, a partir
120			dali , só deus sabe quando a gente vai receber
121			suprimento. a gente tem a doutrina que é setenta e
122			duas horas, mas historicamente, se a gente for estudar

123			todas as vezes que os pára-quedistas foram empregados,
124			nem sempre a junção chegou dentro das setenta e duas
125			horas
126	D		hum hum
127	V		então é: é: pela forma clássica já se se justifica, a
128			formação nossa na parte de resistência física.
129	D		hum hum
130	V		fora isso? se você é tropa de elite você não pode tá
131			baixando ((se refere a precisar de cuidados e
132			tratamentos médicos)) com com qualquer chuva:nha, é:
133			com não pode ter, é dificuldade de carregar pe:so,
134			né? de subir elevações altas. então, pra isso você tem
135			que ter uma resistência física também. já que a gente
136			vai ser empregado em qualquer parte do território.
137	D		hum hum

Em uma narrativa hipotética (linhas 107-125), em que coloca eventos em seqüência, Vieira desenha o quadro da concepção clássica de utilização da tropa pára-quedista. Sua narrativa fortalece a importância do preparo físico, que deve vir aliado aos preparos intelectual e emocional.

O pára-quedista é construído como um combatente que deve ser resistente ao frio, chuva, calor, fome, sede. Neste caso, ser resistente física e emocionalmente é imprescindível tanto para o cumprimento da missão quanto para a manutenção da própria vida, como esclarecido nas avaliações de sua narrativa: ‘então é: é: pela forma clássica já se se justifica, a formação nossa na parte de resistência física.’ ... ‘fora isso? se você é tropa de elite você não pode tá baixando com com qualquer chuva:nha, é: com não pode ter, é dificuldade de carregar pe:so, né? de subir elevações altas. então, pra isso você tem que ter uma resistência física também.’

As avaliações elaboradas pelo Cap Vieira funcionam como elementos explicativos voltados para intensificar a importância da preparação física de um combatente pára-quedista.

Na narrativa elaborada pelo Ten Wiesser, a dor física parece motivá-lo a prosseguir em seus treinamentos, como se ele estivesse lutando contra a fraqueza, na figura da dor em seu próprio corpo.

1	D		como foi a sua área de estágio? Foi muito difícil?
2			você guarda boas lembranças? Isso marcou a sua vida?
3	W		guardo boas lembranças. porque, eu sempre gostei de
4			atividade física
5	D		humhum
6	W		então, Só tinha isso. e isso aí encaixou também
7	D		humhum

8	W		a parte da dor física também, tinha, muscula:r é: e
9			orgânica, né? é: isso aí não chegou a me abalar não,
10			é: psicologicamente. [pelo contrário
11	D		[você passou por isso na boa?
12	W		pelo contrário, até me estimulava mais. tava doendo aí
13			que eu gostava
14	D		humhum. quando doía é que você gostava? é, como é que
15			é? "tá bom porque ta ruim
16	W		é ((risos)) [seria melhor se fosse pior
17	D		[seria melhor se fosse pior
18	W		então essa máxima valeu [pra você lá durante?
19	D		[valeu

Na linha 3 Wiesser parece iniciar uma narrativa sobre a dificuldade de sua área de estágio⁸ Em uma pré-avaliação da suposta narrativa que está por elaborar, Wiesser sinaliza satisfação em sua recordação: 'guardo boas lembranças. Curioso notar que a narrativa quase inexistente no relato de Wiesser. Ele diz que guarda boas recordações de sua área de estágio, o que entendo como uma avaliação. Segue em uma outra avaliação, desta vez explicativa: 'porque, eu sempre gostei de atividade física'. Na linha 6 Wiesser inicia uma narrativa 'só tinha isso', referindo-se à intensa carga de exercício físico a que foi submetido na área de estágio. No entanto, nenhum outro evento é justaposto a este, isto é, ele não desenvolve nenhuma história. Apenas faz menção de ter histórias para contar, uma vez que guarda lembranças de uma etapa de seu treinamento. Só sabemos que na área de estágio houve muitos exercícios físicos os quais ele avalia como motivadores. Considero que há um portal narrativo em sua fala que faz seu interlocutor imaginá-lo vivendo momentos na área de estágio. Mesmo sem ter narrado qualquer evento, ele enuncia uma série de avaliações acerca dos exercícios físicos executados em seu treinamento. Na linha 6 observo uma avaliação: 'e isso aí encaixou também'. Nas linhas 12-13, a avaliação 'pelo contrário, até me estimulava mais. tava doendo aí que eu gostava' me provoca um certo susto, uma vez que foge muito do sentido que construímos, no senso comum, para a dor como algo indesejado 'quando doía é que você gostava? é, como é que é?'. Eu, então, cito uma máxima muito comum entre os pára-quedistas: "tá bom porque tá ruim", à qual o Tenente Wiesser completa sobrepondo seu turno ao meu: 'seria melhor se fosse pior', colaborando na construção desta idéia.

Analiso esta fala como primordialmente avaliativa, em que a narrativa propriamente dita fica suspensa e deve ser subentendida pela pesquisadora mediante a carga dramática das avaliações. As avaliações funcionam como uma estrutura secundária que sinalizam haver uma história de superação psicológica da dor, uma história de um desafio que foi vencido pelo Tenente Wiesser. A identidade que o Tenente clama para si, enquanto um pára-quedista, é construída no trabalho interacional através de recursos narrativos. O Tenente se faz entender como um vencedor, um guerreiro persistente e forte.

A preocupação com o preparo físico é tida, por esta comunidade, como fundamental para ser um pára-quedista. Em suas falas, percebo que os pára-quedistas reconhecem-se fisicamente, isto é, entendem que seus corpos físicos fazem a diferença quando de sua atuação profissional. Durante seu emprego operacional, este combatente estará muitas vezes apoiando-se em suas forças físicas para resistir às intempéries dos conflitos bélicos. Além disso, estes combatentes constroem-se conhecedores de que não apenas o sucesso de uma missão dependerá de sua resistência física, mas também, muitas vezes, sua própria vida. Interpreto que a noção de humanidade nunca é abandonada pelos pára-quedistas, não se consideram imortais, sabem que são de carne e osso.

Assim, a prática e a vivência dos ideais e valores cultuados na comunidade pára-quedista dependem, dentre outras questões, do corpo resistente, trabalhado, são. Conscientes da importância de seus corpos, os pára-quedistas devotam-se ao treinamento físico. Tomo a idéia do ‘corpo como um projeto’ proposta por Shilling (2004:4). Esta autora coloca que tratar o corpo como um projeto (aparência, tamanho, forma, e no caso pontual do pára-quedista, resistência e preparo físico), implica o reconhecimento prático dos significados dos corpos, tanto como um recurso pessoal, quanto como símbolos sociais. A integridade física do pára-quedista é, assim, fundante das identidades que ele construirá nas interações em que se envolve. Como colocam Hall & Woodward (2000): “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade (...)”. Entendendo seus corpos como trincheiras ou abrigos, pois de sua força física pode depender

⁸ A área de estágio diz respeito a uma etapa do curso de pára-quedista militar. Nesta etapa do curso são reforçados os exercícios físicos visando ao preparo muscular e psicológico para o salto.

sua própria vida, os pára-quedistas trabalham seus músculos, cultuam seus corpos como escudos.

4.3.2

‘Mas não adianta ser fortão e burrão’ (Cap Vieira) – Preparo emocional

Segundo os pára-quedistas, ser um deles não se resume a ser forte e resistente. Percebo, na análise dos dados, que a idéia do preparo físico é sempre instanciada acompanhada do preparo emocional e intelectual. Como enuncia o Capitão Vieira:

42	V		então a tradição que é o que? O CULTO A IDEAIS. A
43			gente cultua realmente ideais né? honestidade,
44			brasilidade. e, o PROFISSIONALISMO. é uma tropa
45			profissional, o pára-quedista É uma tropa
46			profissional. e esse profissionalismo, ele, se divide
47			em dois aí. a voluntariedade, que eu citei lá no
48			início. então porque isso aí é pessoal. e, a
49			CAPACITAÇÃO TÉCNICA. então, TEM que conhecer a
50			profissão. não basta só querer. não basta ser burrão e
51			fortão. tem que ser inteligente, tem que, buscar é é
52			se aperfeiçoa:r, conhecer os equipamentos que vão
53			chega:ndo, CONHECER a doutri:na. então é uma tropa
54			também que TEM essas características. a gente busca
55			isso daí, busca atingir esse objetivo.

Neste momento de sua fala, o Capitão Vieira esclarece que a busca do auto-aperfeiçoamento intelectual faz parte dos ideais cultuados pelos pára-quedistas. Ele afirma que para ser um bom profissional, um bom combatente pára-quedista, ‘não basta ser burrão e fortão. tem que ser inteligente, tem que, buscar é é se aperfeiçoa:r, conhecer os equipamentos que vão chega:ndo, CONHECER a doutri:na. então é uma tropa também que TEM essas características.’ Para Vieira, ser um pára-quedista não se limita a trabalhar músculos, há que se exercitar também o intelecto, mantendo-se atualizado com as inovações na área, no conhecimento da doutrina de seu emprego. Vieira constrói os pára-quedistas como homens que entendem que seu objetivo maior é proteger a integridade nacional, homens que devem, para tanto, atuar como líderes de suas tropas. Assim, para Vieira, conhecimento é sinônimo de preparo profissional.

Em outro momento de sua fala Vieira salienta a importância do preparo emocional para um pára-quedista.

81	V		e, a última, a resistência física.
82	D		hum?
83	V		né? que não é: assim, não julgo que seja é: o mais
84			importante. eu acho que o mais importante ta na área
85			afetiva. né? eu não acredito que a gente precise de
86			atleta. é uma opinião muito pessoal, particular. não
87			é? é:: >↑não que eu não seja bem preparado<, que os
88			meus TAF's são todos 'E' ((refere-se à menção
89			Excelente que tem nos Testes de Aptidão Física
90			aplicados 3 vezes ao ano em todos os militares do
91			Exército Brasileiro))
92	D		sim, haha
93	V		senão parece, quem ouve, pensa que, não é isso. é que
94			eu não acho que aqui você tem que ter um atleta de cem
95			metros, um atleta de de salto em distância não
96	D		sim
97	V		mas tem que tem um um um preparo físico MÍNIMO, né?
98			que te dê capacidade de durar na ação. então por isso
99			da exigência, da área de estágio, da área de estágio
100			fazer uma SELEÇÃO, né? ela seleciona realmente.

Na linha 84, Vieira ilumina a importância da área afetiva, considerando-a até mesmo superior à parte física. A superioridade do preparo emocional, isto é, afetivo, é ressaltada, porém não sem que Vieira saliente que ele tem um preparo físico excelente (linhas 87-88). Entendo com isso que meu par-entrevistado, assegura-se um lugar de dominância profissional. Ele se constrói, a tempo, em um reparo, como um militar resistente fisicamente e que por esta razão não estaria dizendo que o preparo emocional é mais importante como uma escusa por não ser dotado de excelente preparado físico.

A mesma idéia da importância do preparo emocional para um combatente pára-quedista do Exército Brasileiro é construída na fala de muitos dos meus entrevistados. Muitos deles trouxeram ao fluxo de nossas conversas um jargão proferido naquele meio: 'chivunk'. Observo a fala do Tenente Wiesser, a seguir, quando conversávamos sobre sua disposição em cumprir missões de qualquer natureza.

59	D		=e pelo que eu to vendo são encaradas da mesma forma,
60			né?
61	W		é
62	D		qualquer coisa que [chega pra você?
63	W		[missão, missão
64	D		você vai cumprir?
65	W		isso. administrativa ou não. tiveram outras também,

66			que eu não to lembrado aqui, mas que fizeram com que
67			eu, que é: eu tirasse de mim forças além da né? do que
68			eu achava que tinha, pra, pra resolver
69	D		e aquela máxima? "quando você chega no seu limite? é
70			que ainda faltam?", quantos por cento?
71	W		quarenta
72	D		quarenta por cento?
73	W		é o famoso chivunk
74	D		humhum
75	W		que é o brado, o brado do nosso batalhão. chivunk
76	D		ah é? o brado do vinte e seis é chivunk?
77	W		é

O termo 'chivunk', criado no meio militar e amplamente aplicado na cultura pára-quedista, faz alusão a uma força extra física que o pára-quedista faz surgir de si mesmo nos momentos de exaustão em que julga terem esgotado-se as forças físicas que tinha para o cumprimento de uma determinada missão. Para um pára-quedista, a mente domina o corpo, e não o contrário.

O Capitão Wagner, por sua vez, oferece uma explicação em que associa o lema do batalhão ('chivunk') à figura de um herói.

92	V		[com certeza.
93			a figura do herói, é é o que , o eterno herói, esse
94			culto ao heroísmo, esse culto a a você tentar sempre
95			dar o melhor e dar o algo a mais. o próprio lema do
96			batalhão é o chivunk. o chivunk o que que é? quando
97			chega no final você ainda tem o chivunk, o algo a mais
98			pra você dar. então o culto a isso tudo? é é é o que
99			faz o que que sustenta a mística, né?

Este combatente constrói o pára-quedista como aquele que busca dar o melhor de si, ele tem o 'chivunk' a oferecer. Ressalto o termo 'dar' usado por Wagner. Dar implica não esperar nada em troca, em doação, atitude que ajuda a construir a chamada 'mística pára-quedista'. Entendo a tão cultuada mística pára-quedista como um certo código de honra, uma linha de conduta adotada por aqueles que praticam os ideais pára-quedistas. A idéia construída nesta fala é a de que faz parte desta mística ser capaz de buscar forças além do que se pensava ter, doar-se além do que se julgava conseguir. Nessa perspectiva, somente um combatente cujo preparo emocional é trabalhado pode usar a mente para superação do físico em prol do cumprimento da missão.

4.3.3

“Qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar” (Capitão Rocca) – Determinação e espírito de cumprimento de missão

Os sentidos construídos nas interações em que o termo ‘chivunk’ é instanciado apontam também para outro atributo considerado essencial em um pára-quedista: a determinação. Segundo o discurso institucional da comunidade de prática estudada, o pára-quedista é um combatente que se mantém firme no seu objetivo de cumprir sua missão, seja ela qual for, superando dificuldades e perseguindo o objetivo a que se propôs. Esta determinação é também explicada pelos pára-quedistas como, na voz deles, ‘espírito de cumprimento de missão’.

O Capitão Vieira desenvolve uma narrativa em que afirma o espírito de cumprimento de missão fazer parte de sua vida.

110	D		hum hum você falou em patriotismo, falou em cora:gem,
111			falou em risco de vida, né? falou em cumprir missão, o
112			que que é isso “cumprir missão”? já virou um jargão
113			isso e é usado pra uma porção, com uma porção de
114			outros sentidos ah “fulano vai cumprir missão, fulano
115			não sei que, tá cumprindo missão”. o que é isso? esse
116			espírito de cumprimento de missão, que eu vejo que é
117			CLARO nos homens que servem aqui na brigada pára-
118			quedista?
119	V		bom, e::u, acho que esse sentimento ficou tão
120			arraigado na na minha pessoa, que pra mim cumprir
121			missão é fazer QUALQUER coisa que eu tenha que atingir
122			um objetivo. QUALQUER COISA. seja profissional ou
123			pessoal. então, é:: cumprir missão pra mim é por
124			exemplo é:: eu ter que vir ao quartel mas ao mesmo
125			tempo ter que dar assistência a minha esposa, aos meus
126			filhos e ↑ eu vou TER que cumprir essa missão.
127	D		hum hum
128	V		eu vou ter que bater essas duas frentes, três frentes,
129			quantas forem necessárias, é:: arrumar um tempo pra
130			estudar pra passar na ECEME ((Curso de Comando e
131			Estado Maior do Exército)), arrumar um tempo pra me
132			habilitar ((em língua estrangeira, proficiência
133			lingüística exigida pelo Exército que habilita o
134			militar a integrar missões oficiais no exterior)) que
135			eu ainda não me habilitei. então... é: cumprir missão,
136			pra mim significa você envidar todos os esforços pra
137			atingir um determinado objetivo e conquistar esse
138			objetivo.
139	D		tem muito a ver com RESPONSABILIDADE?
140	V		TEM, [tem muito a ver com responsabilidade
141	D		[aí você falou que tem filhos, é casado, como é
142			que você JUNTA, essas duas coisas? porque eu percebo
143			que servir aqui na brigada, servir aqui no vinte e
144			seis né? que é um batalhão cem por cento é: o efetivo
145			dele é cem por cento núcleo ba:se, como você consegue
146			conciliar isso?

147			
148	V		7:20((rindo)) com muito espírito de cumprimento de
149			missão ... não pode deixar furo nem de um lado nem de
150			outro.

Na linha 120, este pára-quedista afirma o espírito de cumprimento de missão ter ficado arraigado em sua pessoa a ponto de tornar-se parte constituinte de seu ser. Sua determinação em atingir um objetivo é levada para outros contextos de sua vida que não apenas o profissional. A mesma determinação com que encara os desafios castrenses é devotada à ‘outras frentes’ (linhas 123-138): família, estudos, aprimoramento intelectual. Entendo, assim, que Vieira constrói o pára-quedista como um homem de ação, alguém em quem se pode confiar, alguém com quem se pode contar. Ele acredita em sua força e capacidade de resolver problemas, ele acredita em si.

O Capitão Rocca faz alusão a esta atitude do pára-quedista: determinação e disponibilidade para o cumprimento de missões.

13	D		((risos)) o vinte e seis é uma unidade operacional
14			permanente. deve ser de pronto-emprego, né? tá pronto
15			pro [combate a qualquer momento
16	R		[é, acho que é isso.
17	D		foi isso que eu entendi. quando eu digo que você
18			pertence a uma unidade de pronto-emprego, o que que te
19			ocorre? o que que te passa?
20	R		... é: é tá pronto, né? pronto pra qualquer missão, a
21			qualquer hora, [em qualquer lugar.
22	D		[em qualquer lugar. você tá pronto?
23	R		eu tô pronto. sempre estive pronto
24	D		() já foi, e agora você tá, a qualquer momento que
25			te derem uma missão, você tá pronto pra cumprir?
26	R		qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar
27	D		brasil!
28	R		[acima de tudo!
29	D		[acima de tudo!

No momento em que eu pergunto ao Capitão Rocca o que ele entende por unidade de pronto-emprego, uma das características do 26 BIPQDt, ele me responde com uma frase bastante incisiva: ‘é: é tá pronto, né? pronto pra qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar.’ Para este combatente não importa a natureza da missão nem tampouco a hora ou o lugar em que ela deverá ser cumprida. Quem, quando e onde não são fatores de impedimento para a atuação de um pára-quedista. A firmeza com que meu par

responde à pergunta me chama a atenção. Curiosa, estendo a pergunta ‘em qualquer lugar. você tá pronto?’. Com igual firmeza ele esclarece que sempre esteve pronto (linha 23), intensificando ainda mais a determinação pára-quedista, percebida também em sua prosódia. Com uma repetição, Rocca reafirma sua certeza: ‘qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar’. Frente a tamanha convicção, co-construindo sentidos, eu sugiro uma coda para o fechamento deste tema com o brado de guerra da Brigada de Infantaria Pára-quedista: ‘Brasil!’, ao que Rocca responde afinado: ‘Acima de tudo’. Percebo que há uma grande sintonia entre os interactantes neste trecho, o que denota que os sentidos estão sendo co-construídos ao longo da entrevista, onde os papéis de entrevistadora e entrevistado acabam diluindo-se.

Este é um dentre os inúmeros momentos interacionais em que o pára-quedista é construído como um combatente incondicionalmente determinado, dotado de um devoto espírito de cumprimento de missão.

4.3.4

“Não é bem sacrifício no sentido de estar sofrendo” (Ten Wiesser) – Espírito de Sacrifício e Profissionalismo

Durante as conversas que tive com meus colegas de farda, percebi que o que entendem por a mística pára-quedista, isto é, os valores cultuados no grupo, é também fundado na crença no que chamam de ‘espírito de sacrifício’. O termo foi mencionado inúmeras vezes, oferecendo-se, portanto, à análise. Diferente do sentido construído para o termo pelo senso comum, percebo que os pára-quedistas não entendem ‘sacrifício’ como algo que os faça sofrer. Encorpendo o sentido que constroem para profissionalismo, o modo devotado com que encaram suas missões está muito longe de fazê-los sofrer. Analiso parte da interação com o Tenente Wiesser.

43	D		muito bacana. e o espírito de sacrifício? você vivencia isso muito? no seu dia-a-dia?
44			
45	W		no dia-a-dia, claro.
46	D		em que momento você percebe que você ta se sacrificando?
47			
48	W		não, na verdade é: não é bem sacrificando no sentido de estar sofrendo, né?
49			
50	D		entendi
51	W		mas, é: no sentido de ta fazendo ↑além, além do que as

52			peças é: servindo em outros quartéis fazem, não digo
53			nem civis
54	D		humhum
55	W		que outros batalhões fazem. que é: o ↑serviço, o
56			próprio serviço do dia-a-dia, que: o serviço, a escala
57			é apertada pro pessoal aqui porque tem pouco efetivo,
58			né? e juntamente com esse serviço, é: nós temos a
59			função normal do dia-a-dia. a instrução TEM que ser
60			dado pro soldado, né? a parte técnica, tática, TEM que
61			ser dada pro soldado, e: também as missões extras.
62			então vai ter agora, na semana sem ser a que vem, a
63			outra, tem a: a força, força, () maracanã
64	D		ham?
65	W		força () estratégica maracanã. que é no rio de
66			janeiro, então só o vinte e seis que vai
67	D		vai ser um exercício? [ou é uma missão real?
68	W		[vai ser um exercício
69	D		um exercício
70	W		um exercício. visando né a defesa do rio de janeiro.
71	D		certo. aí
72	W		aí
73	D		ham?
74	W		antes disso vai ter uma competição, com é: os
75			batalhões pé preto aqui da do comando militar de área
76	D		humhum
77	W		vai ter a competição. então tem tenente envolvido com
78			tudo. com instrução lá pra () maracanã, juntamente
79			com a olimpíada, então muitas vezes a gente ultrapassa
80			o horário de descanso é: na hora do almoço ou até:
81	D		depois do expediente
82	W		depois do expediente pra
83	D		pra cumprir [essas missões
84	W		[pra cumprir as missões. tanto é que a
85			gente brinca que, o nosso batalhão é sempre o último a
86			ir embora, porque no arroio. então o vinte e cinco e o
87			vinte e sete olha, no final do dia quatro e meia eles
88			estão indo embora. o nosso sai aqui cinco horas, cinco
89			e meia, às vezes fica até seis e meia a gente ta aqui
90			pra pra cumprir as nossas missões
91	D		humhum
92	W		isso aí já é um espírito de sacrifício.
93	D		humhum. bacana.
94	W		além das atividades de salto e milhões de outras
95			atividades.

Na linha 48 Wiesser explica que não associa espírito de sacrifício a sofrimento: ‘não, na verdade é: não é bem sacrificando no sentido de estar sofrendo, né?’. Para ele, sacrificar-se significa agir mais que os outros e dá exemplos em uma narrativa hipotética que se desdobra entre a linha 55 e a linha 95 em que cita as atividades em que se envolve. Observo a ênfase com que instância duas vezes a palavra ‘tem’ nas linhas 59 e 60. Tal prosódia associada à semântica do termo denota o sentido que constrói para suas atividades, isto é,

Wiesser entende suas atividades como uma responsabilidade que lhe cabe. Seu trabalho é construído como missão, para usar um termo proposto por meu entrevistado. Entre as linhas 77 e 80 Wiesser elabora avaliações, todas introduzidas pelo termo ‘então’. Penso que essas avaliações iniciadas por ‘então’ têm a força de uma conclusão, uma prova de que sua narrativa sobre a carga de trabalho que cabe a si e a seus companheiros devem ser entendidas dentro da idéia que entendem como espírito de sacrifício. As avaliações funcionam também reforçando a reportabilidade de suas narrativas, ajudando na construção do pára-quedista de seu batalhão como um combatente que estará fazendo mais do que os outros combatentes fazem: ‘então tem tenente envolvido com tudo. com instrução lá pra () maracanã, juntamente com a olimpíada, então muitas vezes a gente ultrapassa o horário de descanso é: na hora do almoço ou até ... depois do expediente’. Wiesser também compara os pára-quedistas de seu batalhão com demais combatentes em uma outra narrativa: ‘pra cumprir as missões. tanto é que a gente brinca que, o nosso batalhão é sempre o último a ir embora, porque no arroio. então o vinte e cinco e o vinte e sete olha, no final do dia quatro e meia eles estão indo embora. o nosso sai aqui cinco horas, cinco e meia, às vezes fica até seis e meia a gente ta aqui pra pra cumprir as nossas missões. Por fim, na linha 94, para deixar claro que todos em seu batalhão são muito atarefados, Wiesser complementa sua fala usando uma hipérbole que funciona intensificando a carga dramática de seu relato sobre como os pára-quedistas entendem ‘espírito de sacrifício’: ‘além das atividades de salto e milhões de outras atividades’. Ressalto que ele faz questão de incluir esta coda em sua narrativa mesmo após a pesquisadora já ter sinalizado que estava satisfeita com o relato, em uma avaliação co-construída na linha 93: ‘humhum. bacana.’

Ao entenderem que cumprem suas missões com ‘espírito de sacrifício’, os pára-quedistas constroem-se como profissionais do combate, cujo dever não termina necessariamente ao toque da corneta que indica o fim do expediente. Assim, ao entenderem ‘espírito de sacrifício’, não como sofrimento, e sim como força de trabalho, os pára-quedistas constroem-se como profissionais de atitude, homens de ação incondicional, voltados para a atividade fim do Exército, a saber: a defesa da soberania nacional.

4.3.5 “Eu escolhi, eu quis” (Tenente Wiesser) – Voluntariedade

Outro ponto do código de valores suscitado pelos pára-quedistas com quem conversei trata-se do aspecto voluntário com que buscaram suas profissões, escolhendo, inclusive, servir no batalhão considerado aquele que mais exige comprometimento profissional. Ressalto trechos da interação com o Tenente Wiesser onde a voluntariedade é comentada.

1	D		ok Wiesser, quando é que você terminou a aman?
2			((Academia Militar das Agulhas Negras))
3	W		vinte e cinco de novembro do ano passado
4	D		do ano passado.
5	W		[dois mil e seis.
6	D		[então você terminou a aman ... e ↑veio pro vinte e
7			seis?
8	W		isso
9	D		↑isso é diferente, não é?
10	W		é, tinha cerca de cinco ou seis anos que:
11	D		isso não acontecia?
12	W		que não acontecia
13	D		e foi acontecer com você?
14	W		é. eu escolhi. [eu e mais quatro companheiros
15	D		[↑ah isso que eu ia te perguntar, isso
16			foi bom pra você? você que quis?
17	W		eu que quis

Neste trecho Wiesser narra parte de sua história de vida afirmando que ele veio integrar o 26º BIPqdt voluntariamente. O termo que usa para se dizer voluntário é patente: ‘eu escolhi’. Quando eu lhe pergunto se ter vindo para este batalhão foi bom para ele, ele afirma convicto: ‘foi eu que quis’. O Tenente Wiesser afirma, no trecho seguinte, que foi voluntário para integrar o 26 assim que se graduou na Academia Militar das Agulhas Negras.

29	D		e você escolheu [o vinte e seis?
30	W		[o vinte e seis.
31	D		por que?
32	W		porque aqui era o batalhão que tinha a fama de ser o:
33			o batalhão que tinha mais atividade, o batalhão mais
34			puxado
35	D		Humhum
36	W		seria mais uma coisa pra motivar e pra mostrar também
37			o que era a brigada, né?
38	D		sei. aí você queria trabalhar, <no batalhão que era o
39			mais puxado, no batalhão=

40	W		=é
41	D		que cumpria mais missão>
42	W		é, e também por, até mesmo por orgulho assim, de
43			sentir bem fazendo, servindo bastante o exército
44	D		humhum

Wiesser elabora avaliações para a narrativa que iniciou na linha 3 no trecho anteriormente analisado. As avaliações são elaboradas pelo tenente em co-construção com a pesquisadora, já que o faz mediante suas respostas às minhas perguntas. Na linha 32 Wiesser avalia sua escolha pelo 26º construindo-se como alguém que busca espontaneamente uma rotina de trabalho intensa. Em nova avaliação (linha 42) Wiesser indica que teve a intenção consciente de doar-se ao serviço militar, orgulhando-se do trabalho que executaria no batalhão.

Narrando parte de sua história de vida, aplicando uma ordem e uma perspectiva à sua experiência, o tenente Wiesser instancia razões para ter escolhido sua profissão e o contexto institucional onde atua. As razões aparecem sob a forma de avaliações e contribuem na construção de uma determinada faceta da identidade dos pára-quedistas. Essas passagens avaliativas funcionam na interação salientando que os pára-quedistas constroem-se como livres para escolher e orgulhosos de suas escolhas. Para eles, ser um pára-quedista e fazer parte do ‘dois meia’ implica voluntariedade, vontade, escolha e orgulho.

4.3.6

‘O vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado’ (Major Firmino) – Espírito de equipe / companheirismo

Na comunidade pára-quedista, como percebi nos dados gerados nas entrevistas, todos afirmam ter certeza de que não poderiam cumprir suas missões sem contar com ajuda e apoio mútuos. Aquilo que chamam de ‘espírito de equipe’, ‘espírito de corpo’ ou ‘companheirismo’ faz parte dos ideais cultuados na comunidade pára-quedista, da chamada mística pára-quedista. Para a tropa pára-quedista, em decorrência de seu emprego tático, um grupo só é forte se houver colaboração entre seus membros, se cada integrante estiver preocupado com seu próximo tanto quanto se preocupa consigo. Vale aqui a velha máxima popular: “a força de uma corrente equivale à força de seu elo mais fraco.” Nas passagens

seguintes analiso trechos onde os pára-quedistas constroem sentido para o termo ‘espírito de equipe’ mostrando-se conscientes da importância deste ideal na comunidade pára-quedista.

Neste trecho de sua fala, Vieira explica o que entendem por espírito de equipe.

1	D		((Vieira saiu da brigada por um tempo, fez o curso de guerra na selva, que era um outro objetivo
2			profissional, e retornou para a brigada)) deu saudade
3			da brigada? porque você resolveu voltar pra brigada?
4			
5	V		eu contava histórias da brigada o tempo todo. tem
6			muito a ver, tem muito a ver, eu até separei aqui
7			((fazendo novamente referência às anotações feitas por
8			ele com os pontos que tinha a intenção de abordar na
9			entrevista)), tem muito a ver co::m, os atributos da
10			área afetiva que são cultuados aqui. entã::o eu tinha
11			parado ali na CORAGEM. mas ESPÍRITO DE EQUIPE? também
12			é outra coisa que nos difere MUITO. a gente tem muita
13			preocupação, em não errar, ou de trabalhar menos ou
14			não se dedicar, PELA EQUIPE. e não só por você. então
15			além de ter esse lado pessoal, né? orgulhoso de você,
16			que você gosta daquilo que você faz, tem a preocupação
17			de “pô, eu sou, eu sou da brigada pára-quedista,
18			então, tem mais gente dependendo de mim” , isso
19			acontece no SALTO, do avião, aonde o soldado
20			inspeciona a sua fita, você é o mestre de salto, a
21			vida de todo mundo tá na sua mão. e eles confiam
22			plenamente em você, se você jogar ele sem tá
23			enganchado ele sai e:: não quer nem saber, né? e::
24			então era isso, eu contava isso o tempo todo ((quando
25			não estava servindo na brigada)) onde eu tava, eu tava
26			falando “pô, mas lá na brigada, isso não acontece, lá
27			na brigada, o espírito de equipe é diferente, tá todo
28			mundo junto, sempre remando na mesma direção, as
29			coisas são mais simplificadas, não ficam elocubrando
30			tanto, perdendo tempo com algumas coisas que, são
31			desnecessárias, são mais voltados pra parte
32			profissional”.

Na linha 5, Vieira inicia seu turno em resposta a minha pergunta. Percebo que o ato de contar histórias sobre os eventos que viveu na Brigada esteve sempre presente em sua vida no período em que ele estava servindo em outra unidade militar. Entendo esta fala como uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2006), donde posso entender que o Capitão Vieira constrói sua identidade narrativamente ao recapitular experiências passadas recontextualizando passagens de sua história de vida, construindo sentidos para sua existência ao referir-se com orgulho a momentos que vivenciou na Brigada Pára-quedista. Vieira prossegue seu turno retomando uma idéia que parecia ter sido suspensa em nossa interação (linhas 10-

12). Percebo que na linha 9 o capitão faz sua agenda encaixar-se como resposta a pergunta que eu havia feito. Ele afirma ter voltado para a Brigada por identificar-se com os ideais que lá são compartilhados, construindo sua identidade alinhada com os mesmos. Vieira fala, então, sobre o espírito de equipe. Na linha 12 Vieira demarca mais uma vez que os pára-quedistas são diferentes dos outros combatentes. Noto a ênfase ao instanciar o termo ‘muito’, demarcando ainda mais a diferença, destacando a tropa alada em sua fala. Entre as linhas 13 e 18 Vieira enuncia uma série de observações que funcionam como avaliações que prefaciam uma narrativa que estaria por vir em sua fala: ‘a gente tem muita preocupação, em não errar, ou de trabalhar menos ou não se dedicar, PELA EQUIPE. e não só por você. então além de ter esse lado pessoal, né? orgulhoso de você, que você gosta daquilo que você faz, tem a preocupação de “pô, eu sou, eu sou da brigada pára-quedista, então, tem mais gente dependendo de mim”’. Noto que Vieira utiliza ricas e variadas formas de avaliação, inclusive uma fala relatada. Ênfase na entonação na expressão ‘pela equipe’ colabora na construção do ponto de sua narrativa, que é justamente o espírito de equipe. As avaliações de Vieira denotam também a carga emocional que ele atribui a este ideal pára-quedista, haja vista, por exemplo os termos que fazem alusão a sentimentos escolhidos por Vieira: preocupação, orgulhoso, você gosta daquilo que você faz. Analiso que essas avaliações elaboradas por Vieira trazem tanta carga emocional que acabam sobressaindo-se à própria narrativa, que ao ser encaixada em sua fala acaba funcionando como uma ilustração das avaliações, um exemplo de que as avaliações fazem sentido. A narrativa hipotética faz alusão à rotina de trabalho de Vieira e aparece entre as linhas 18 e 23 exemplificando a confiança que um pára-quedista deposita em outro pára-quedista e a dependência mútua no que tange suas integridades físicas. Entre as linhas 25 e 32, em uma coda, Vieira retoma a idéia de que sempre contou histórias sobre suas experiências na Brigada quando esteve fora, marcando-se mais uma vez como diferente dos não-pára-quedistas e reforçando a idéia de que as identidades são construídas na interação, no ato de narrar vivências e memorar eventos.

O Major Firmino desenvolve sua fala em torno da idéia de grupo, equipe, conjunto. É dele a narrativa a seguir.

1	D	que qualidades o senhor evidenciaria como IMPORTANTES
---	---	-------------------------------------------------------

2			num pqd? ... o que tem que ter um pqd? é é, tem coisas
3			que já estão escritas e que eu observo , que eu acho
4			que é assim mesmo. agressividade no comba:te, espírito
5			de naciona:lidade, espírito de co:rpo,
6			companheiri:smo... é: isso? tem algo mais que o senhor
7			percebe que um pqd tem? que não é evidenciado em um
8			outro combatente?
9	F		é, olha só, DENTRO daquela daquela idéia que eu acho
10			que é o principal aqui na brigada, que é, a aceitação
11			DO GRUPO, pára-quedaista? porque justamente por causa
12			da mística o camarada já vê o pqd como uma máfia,
13			então dentro dessa idéia dele ser aceito pelo grupo,
14			eu vejo que O GRUPO exige do do do militar aí, do
15			camarada que tá chegando na brigada, os que já estão
16			aqui, primeiro COLABORAÇÃO. o tempo todo. né? até a
17			gente, até um orgulho né? uma coisa que a gente fala
18			muito; “o vento que sopra no velame do general é o
19			mesmo que sopra no velame do soldado”
20	D		°bacana°
21	F		tá entendendo? então colaboração, porque na hora , e
22			isso eu também já vivenciei algumas vezes, né? de você
23			estar sendo arrasta:do ((refere-se ao pára-quedaista
24			depois do salto, já aterrado, sendo arrastado pela
25			força do vento em seu pára-queda)) e às vezes quem
26			vai te salvar ali é um soldado, às vezes é um camarada
27			mais antigo, entendeu? que vai ter que segurar o
28			velame ali pra ele parar de se arrastar, tem horas que
29			você não consegue fazer nada

Segundo o major, ao viverem os ideais pára-quedaistas, cada membro do grupo se doa em favor dos demais membros, intensificando a força desta corrente em prol do cumprimento das missões. O major se constrói como orgulhoso do espírito de equipe que julga ter (linha 17), atribuindo a si uma qualidade identitária própria dos que pertencem àquele grupo. Ele insere em sua fala uma máxima pára-quedaista que funciona como uma avaliação externa (linha 18) “o vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado”. Esta avaliação, uma metáfora que faz alusão a uma bela imagem de vento soprando em paraquedas, funciona nesta fala atribuindo um viés poético a esta faceta da identidade do pára-quedaista, reforçando a carga dramática de suas explicações sobre o ‘espírito de equipe’. A instanciação ‘uma coisa que a gente fala muito’, na linha 17, deixa ver uma vez mais na fala do pára-quedaista que suas identidades e suas visões de mundo são construídas linguisticamente, nas interações em que se engajam, ao narrarem histórias e trabalharem idéias acerca do significado de seus contextos profissionais.

Esta máxima inserida como uma avaliação na fala do major me possibilita ainda outra discussão. Percebo que a questão da hierarquia está aqui implícita.

Este pára-quedista deixa ver que nesta comunidade de prática a hierarquia é respeitada, sem dúvida, mas que não há hierarquia quanto a quem deve ser escolhido para correr risco de morte. Segundo o major Firmino, um general corre os mesmos riscos que um soldado no momento do salto, por isso um pode e deve ser ajudado pelo outro, independente de seus postos. Desta forma, segundo este pára-quedista, o culto ao ideal ‘espírito de equipe’, aproxima e compromete a todos no grupo, independente de suas patentes.

Outro ponto que percebo nesta fala, entre as linhas 13 e 15, é que o major entende que ao mesmo tempo em que o grupo dá, ele cobra: ‘então dentro dessa idéia dele ser aceito pelo grupo, eu vejo que O GRUPO exige do do do militar aí, do camarada que tá chegando na brigada’. Analiso que essas duas forças, agindo em movimentos antagônicos, porém convergentes, colaboram para que os perímetros do grupo sejam mantidos. Na visão deste pára-quedista, existem forças coercitivas, veladas ou não, que agem na cobrança dos procedimentos e comportamentos considerados vitais para a continuidade existencial do grupo. O major refere-se ao grupo como uma entidade com o poder de julgar. Analiso que este é um pensamento que remete à construção de identidades coletivas, isto é, a idéia de um ‘nós-pára-quedistas’ em oposição a um ‘eles-não pára-quedistas’, ao que Snow (2001:2) refere-se como uma ação na construção de um senso compartilhado de ‘we-ness’. Segundo o autor, “este senso de ‘nós’, que é o componente de ação das identidades coletivas, não apenas sugere a possibilidade de uma ação coletiva na busca de interesses comuns, mas até mesmo convida a tais ações.” Assim, percebo que o grupo de pára-quedistas, enquanto entidade, age até mesmo constringendo seus membros a demonstrar os comportamentos valorizados naquele contexto. Como coloca Snow (ibidem), o senso coletivo de ‘nós’ é animado e mobilizado emocionalmente e até mesmo moralmente. Goffman ([1961] 1992:159) também argumenta que toda organização inclui uma disciplina de atividade que em última instância acaba sendo uma disciplina de ser – ‘uma obrigação de ser um determinado caráter e morar em um determinado mundo’. Percebo que os pára-quedistas, enquanto grupo, constroem-se como monitores das atitudes de seus pares, exercendo força coercitiva sobre seus membros, incentivando-os a agir segundo as regras do grupo.

4.3.6.1

“Chamamos isso aí de espírito de corpo. O medo, na verdade, o medo de ficar mal perante o grupo” (Maj Firmino) – As forças coercitivas do grupo

Prosseguindo com a idéia de espírito de equipe como um dos ideais pára-quedistas, volto meu olhar para narrativas produzidas por meus pares-entrevistados em que constroem sentidos para as forças de coerção exercidas pelo grupo na manutenção de sua própria identidade.

Na narrativa seguinte, o Major Firmino afirma sentir-se impelido por seus subordinados no que tange evidenciar atitudes próprias de um pára-quedista.

37	F		[i:sso, †desde a academia. desde a
38			academia a gente já tinha essa idéia. e realmente
39			quando eu cheguei aqui na brigada, foi, tudo isso <foi
40			comprovado>
41	D		e é assim que o senhor se sente hoje?
42	F		é. e, e, eu me sinto assim, eu sinto que eu, é:,
43			consegui realizar essa parte profissional, né? consegui
44			me satisfazer aqui no, nessa parte é profissional. é: e
45		▶	eu vi assim que eu cheguei, quando eu cheguei no vinte
46		▶	e cinco. já era tenente, faltavam dois anos pra eu sair
47		▶	capitão, né? então eu tinha sido comandante de pelotão,
48		▶	durante quatro anos, né?... então quando eu cheguei
49		▶	aqui, EU, me senti cobrado nesse lance de liderança.
50		▶	porque realmente aqui, a brigada, toda ela, acho que
51			todas as unidades, acho que ela é uma †escola de
52			liderança.
53	D		hum
54	F	▶	então você chega ali, eu lembro que quando eu CHEGUEI
55		▶	no pelotão, eu tinha que tá realmente dentro do
56		▶	pelotão, ali:, os soldados eles te olham de uma
57		▶	maneira, assim, “pô, tudo bem, o cara, ele fez pqd, mas
58		▶	ele tá chegando aqui agora, ele AINDA não É pqd. ele
59		▶	ainda vai ter que MOSTRAR que é pqd.” e esse mostrar
60		▶	que é pqd, na verdade, é uma cobrança, que, pô a gente
61		▶	com toda, a lucidez profissional que a gente tem, sabe
62		▶	que a gente não precisa provar nada a ninguém, mas a
63		▶	gente se sente cobrado. e tem que tá realmente junto
64		▶	com o pelotão, tem que mostrar pro pelotão que você
65		▶	realmente SABE fazer a coisa. e você vai tá no campo
66		▶	junto , e aquele negócio todo. você vai ter que estar
67		▶	dentro do avião, e vai ter que demonstrar dentro do
68		▶	avião que você não tá com medo. um monte de coisinha
69		▶	que: hoje você pensa “pô, isso é besteira” mas o
70		▶	camarada TEM que fazer. senão ele NÃO VAI comandar ()
71		▶	

Nas linhas 42 e 43 percebo que o major Firmino expressa seu alinhamento com os valores compartilhados no batalhão manifestando emoção e satisfação:

‘consegui realizar essa parte profissional, né? consegui me satisfazer aqui no, nessa parte é profissional’. À luz de Goffman ([1961] 1992:148), analiso que nesta fala ele julga ser um determinado tipo de pessoa, considerando que é um combatente que manifesta as características valorizadas para ser um integrante do mundo pára-quedista. Na linha 49 ele oferece uma avaliação para a narrativa que desenvolverá no prosseguimento de sua fala, já predizendo seu ponto. Afirma ter se sentido cobrado enquanto líder por ocasião de sua chegada à Brigada de Infantaria Pára-quedista. A partir da linha 54 ele elabora uma narrativa em que afirma que ser um pára-quedista não implica apenas ter feito o curso, isto é, ser um pára-quedista respeitado por seus comandados implica respeitar as regras veladas de comportamento exigidas pelos membros deste grupo. Para reforçar o ponto de sua narrativa, o major Firmino insere uma avaliação externa, uma fala relatada simulando a voz e o pensamento de seus subordinados, na linha 57: “pô, tudo bem, o cara, ele fez pqd, mas ele tá chegando aqui agora, ele AINDA não É pqd. ele ainda vai ter que MOSTRAR que é pqd.’ Em uma narrativa hipotética, o major esclarece que para exercer a liderança esperada de um comandante, um pára-quedista deve demonstrar domínio de habilidades específicas da atividade: ‘e tem que tá realmente junto com o pelotão, tem que mostrar pro pelotão que você realmente SABE fazer a coisa. e você vai tá no campo junto, e aquele negócio todo. você vai ter que estar dentro do avião, e vai ter que demonstrar dentro do avião que você não tá com medo.’. Segundo o Major Firmino, caso não sejam evidenciadas, na prática, as atitudes de um pára-quedista, um comandante é ‘punido’ com a impossibilidade de liderar sua tropa, provando-se incompetente para tal. Esta idéia é instanciada em uma avaliação em que outra fala relatada é inserida, simulando sua própria voz experiente: ‘hoje você pensa “pô, isso é besteira” mas o camarada TEM que fazer. senão ele NÃO VAI comandar’. Observo a ênfase na prosódia da palavra ‘tem’ e na expressão ‘não vai comandar’ indicando até mesmo uma certa obrigação moral de agir como um pára-quedista.

Em outro momento de sua fala, o Major Firmino desenvolve uma narrativa em que se mostra bastante entusiasmado, com muitos risos, em que também sugere as forças coercitivas agindo em prol da manutenção da sobrevivência do grupo. Ele narra sobre seu primeiro salto livre e de quão nervoso ele estava.

144	D		e um outro fato que eu vejo a importância do grupo, né?
145			que isso aí se renova em TODOS os cursos aqui da
146			brigada, CADA curso da brigada. foi quando eu tava
147			fazendo o curso de salto livre. né? foi meu ↑primeiro
148			salto livre. então, naquele dia ali, eu falo isso pra
149			muitas pessoas eu já falei isso aí. <naquele dia, EU
150			estava pronto pra pedir desligamento do curso>. tamanho
151			era meu PÂNICO ali né? o avião, ia ser a primeira vez
152			que eu ia saltar e chegar e comandar o pára-quedas. aí
153			o búfalo ((modelo do avião)) decolou, °eu ia ser o
154			segundo a sair do avião°, aí, aquele silêncio, eu
155			olhava pra todo mundo assim, aí eu pensei “°vou pedir
156			pra ir embora, vou pedir”
157	D		dentro do avião?
158	F		dentro do avião. falei “°eu não vou sair, não vou” aí
159			começa, né? a racionalizar. “°por que que eu vou fazer
160			isso, eu não preciso” aqueles papos todos. “°minha
161			família ta em casa” mas aí... bom você olha pro grupo,
162			ta lá o grupo ((limpa a garganta)) aí você pô
163			((rindo))“<como é que eu vou explicar isso>?”
164	D		((risos))
165	F		“ta aqui ó, todo mundo aqui, esse pessoal todo vai
166			sair, só eu que não vou sair?” aí “eu vou ficar, né?”
167			aí, foi né? então isso aí é uma coisa que, eu acho que
168			aconteceu comigo no salto livre mas acho que acontece a
169			todo momento aqui na brigada. né? todos os cursos,
170			mesmo no mestre de salto, o básico pára-quedista e
171			assim vai, entendeu?
172	D		hum hum
173	F		é o espírito de corpo, né? chamamos isso aí de espírito
174			de corpo. o MEDO, na verdade o medo de ficar mal
175			perante o grupo
176	D		hum hum
177	F		então pelo grupo, por isso aí eu vou continuar

Percebo aqui uma narrativa canônica, com os elementos estruturais propostos por Labov (1972). O ponto desta narrativa faz-se ver logo pela avaliação instanciada na linha 144: a importância do grupo. Na linha 151 o Major Firmino me diz que no momento de seu primeiro salto livre, dentro do avião, ele estava em pânico. A palavra ‘pânico’ é instanciada com ênfase prosódica, demarcando fortemente a avaliação que faz de seu estado de espírito. Ao instanciar o elemento complicador, sua decisão de desistir do curso, na linha 156-161, o major insere suas próprias falas relatadas: “eu não vou sair, não vou” aí começa, né? a racionalizar. “por que que eu vou fazer isso, eu não preciso” aqueles papos todos. “minha família ta em casa” . Elabora, então, uma resolução (linha 162-163) ressaltando a imagem do grupo motivando os comportamentos valorizados pela comunidade de prática em questão: ‘mas aí... bom você olha pro grupo, ta lá o grupo ((limpa a

garganta)) aí você pô ((rindo))“<como é que eu vou explicar isso>?” Nas linhas 165 e 167, o major estende sua resolução continuando a inserir suas próprias falas relatadas. Considero que a inserção de tantas falas relatadas do próprio narrador funciona conferindo veracidade à narrativa, uma vez que os eventos narrados foram vividos pelo próprio narrador da história. Observo que a instanciação “<como é que eu vou explicar isso>?” denota a força da narrativa no curso da vida do major, que diz contar com o ato de narrar para se construir identidades. Ao relatar seus próprios pensamentos, todos eles são marcados prosodicamente, falados em voz baixa: “vou pedir pra ir embora, vou pedir” , “eu não vou sair, não vou”, “por que que eu vou fazer isso, eu não preciso” , “minha família tá em casa”. O tom de voz mais baixo com que o major instancia essas falas contribui para que as mesmas sejam entendidas, não apenas como um pensamento que lhe passava pela cabeça, mas como um segredo, algo que não deveria ser bradado abertamente com orgulho, pois tais idéias agem contrariando os ideais pára-quedista, suscitam a falta de coragem, o medo, a derrota. O major Firmino desenvolve toda a sua narrativa em tom de riso. O riso neste ponto funciona na construção de si próprio como experiente e vivido. Ele pode rir de si mesmo agora, visto que venceu seus medos, se superou. O major Firmino narra sob a perspectiva do tempo presente, isto é, o tempo da narrativa não é o mesmo tempo do evento narrado (Mishler, 2002). Rindo da situação que viveu, o major Firmino prossegue sua narrativa dizendo que ao mesmo tempo em que tais pensamentos lhe ocorriam, ele olhava para o grupo e se perguntava: ‘<como é que eu vou explicar isso>?’. Ao grupo, o major Firmino confere olhares panópticos, isto é, o grupo está sempre lá, vendo suas atitudes, julgando se seus membros são ou não merecedores do brevê que usam em suas fardas, impelindo-o a superar o “pânico” e saltar: “tá aqui ó, todo mundo aqui, esse pessoal todo vai sair, só eu que não vou sair?” aí “eu vou ficar, né?” aí, foi né?”. Na resolução de sua narrativa (linha 167), o major afirma que o evento narrado se deu com ele, mas que a mesma situação de cobrança do grupo acontece a todo momento, em diferentes situações, com todos que integram esta tropa: ‘então isso aí é uma coisa que, eu acho que aconteceu comigo no salto livre mas acho que acontece a todo momento aqui na brigada.’

O Capitão Marcos Almeida faz alusão em sua fala às tais forças coercitivas do grupo. No trecho que transcrevo a seguir, intitulado por mim como “Não posso desistir agora, vai ser uma tremenda vergonha”, ele narra sobre as emoções que um pára-quedista sente segundos antes de saltar, o embate entre o medo de saltar e o medo de perder a aceitação do grupo.

68	M		Só o louco não tem medo
69			Só o louco não tem medo. Imagina? Pô. se jogar do
70			avião, né? lá de cima e tal. Uma coisa meio que, maluco
71			né?
72	D		Hum
73	M	▶	Mas é: totalmente seguro. A primeira vez, a gente QUER
74		▶	saltar porque a gente, RALA muito pra pra concluir o
75		▶	curso. E a gente sabe que pô, é aquilo ali, tem que
76		▶	saltar, hum. Tipo assim, eu acho que o grande motivo do
77		▶	curso ter toda essa ralação não é nem selecionar, é
78		▶	fazer o camarada não amarelar na hora do salto. Porque
79		▶	aí ele já pensa “eu passei por tudo isso pra tá aqui na
80		▶	frente da porta aqui, a essa altura”?
81	D		Humhum
82	M	▶	“não posso desistir agora, vai ser uma tremenda
83		▶	vergonha”. Acho que o cara pensa isso, né?
84	D		Sei
85	M	▶	Não sei, eu não tinha esse pensamento, mas eu
86		▶	imaginava, que a gente via, dentro do avião, assim, no
87		▶	primeiro salto? Pô, o pessoal, tinha cara que ficava
88		▶	rindo sem parar, cantando. Não era alegria, era
89		▶	nervosismo em si

Na linha 73 o Capitão Marcos Almeida inicia uma fala em que narra sobre o caminho difícil que um pára-quedista deve percorrer antes de finalmente encontrar-se à porta do avião, pronto para saltar. Ele diz que após um curso tão árduo, onde foram exigidos ao máximo, física e psicologicamente, saltar é um momento de catarse, uma realização. Não obstante, muitos são tomados pelo nervosismo. Observo que o Capitão não usa a palavra medo nesta narrativa para descrever tal emoção. Ele instancia ‘nervosismo’ e ‘amarelar’, mas não medo. As forças de julgamento, atribuídas novamente ao olhar panóptico do grupo, vêm à tona na avaliação “não posso desistir agora, vai ser uma tremenda vergonha”. O grupo exerce força velada, que atua nos brios, no orgulho do pára-quedista. Rapidamente o Capitão Marcos Almeida segue em uma avaliação (linhas 83-89) em que faz questão de salientar que este é o pensamento que ele julga passar pela cabeça de outros pára-quedistas, pois ele não se sente assim: ‘Acho que o cara pensa isso, né? Não sei, eu não tinha esse pensamento, mas eu imaginava, que a gente via, dentro do avião,

assim, no primeiro salto? Pô, o pessoal, tinha cara que ficava rindo sem parar, cantando. Não era alegria, era nervosismo em si'. Neste ponto ele se constrói como um dos membros do grupo capaz de observar e avaliar o nervosismo de seus companheiros, ele se coloca como um daqueles que exercem a força coercitiva de identidade do grupo.

Observo, assim, que o espírito de equipe é reconhecido pelos próprios membros do grupo estudado como um dos ideais a serem evidenciados em suas práticas diárias. Duas forças agem para que os perímetros de atuação de tal equipe sejam definidos, a saber, ao mesmo tempo em que os membros do grupo amparam-se mutuamente, colaborando na argamassa que os une e praticando os ideais pára-quedistas, o grupo age forçando e cobrando tais atitudes, aceitando ou repelindo. Todos querem continuar sendo queridos pelos demais, como explica o major Firmino: 'é o espírito de corpo, né? chamamos isso aí de espírito de corpo. o MEDO, na verdade o medo de ficar mal perante o grupo'. Parafraseando o brado dos três mosqueteiros de Alexandre Dumas "Um por todos e todos por um", acrescento minha voz de analista: o grupo por todos e todos pelo grupo. Na voz do Major Firmino: 'então pelo grupo, por isso aí eu vou continuar'.

4.3.7

"Brasil acima de tudo!" (brado de guerra dos pára-quedistas) – Patriotismo, Nacionalidade, 'Brasilidade'

Considero importante mencionar que absolutamente todos os meus entrevistados falaram em patriotismo, seja em explicações ou em narrativas propriamente ditas. O patriotismo foi o primeiro dos atributos pára-quedistas instanciados pelo Capitão Vieira em sua fala. Vieira relaciona o brado usado na Brigada de Infantaria Pára-quedista (Brasil! Acima de tudo!) com o sentimento de patriotismo que entende ser vivido por todos os membros deste grupo.

Os brados de guerra são uma prática comunicativa bastante comum entre militares do Exército Brasileiro durante os intercâmbios interacionais, principalmente em seus contextos profissionais. Vale ressaltar que brados de guerra são palavras de ordem pronunciadas em alto e bom som por membros de um mesmo grupo, não necessariamente militar, que funcionam como parte dos

jogos lingüísticos onde são enunciadas. Entendo, assim, que brados de guerra são signos lingüísticos que pretendem evocar valores institucionais e que por este motivo são julgados oportunos de serem proferidos durante uma enorme gama de situações interacionais na caserna. A adoção destes ou daqueles brados, dentro do Exército, a meu ver, nada tem de arbitrária, dependendo, entre outros aspectos, da identidade da tropa onde é proferido. Considero que o brado de guerra seja um signo identitário da tropa. O brado ‘Brasil acima de tudo!’ é característico da tropa pára-quedista, evidenciando e evocando seus ideais. Como explica Vieira:

45	V	▶	inicia já com o nosso próprio lema NÉ? <BRASIL, ACIMA
46		▶	DE TUDO> ...só tem uma substituição a esse lema que é.
47		▶	DEUS. acima de tudo, pra quem tem uma religião,
48		▶	qualquer que seja ela.
49	D		sei
50	V	▶	então depois de deus é o seu país, a sua nação. então
51		▶	essa tropa ela já se diferencia por isso, pelo seu
52		▶	lema. é o lema que envolve uma tropa que foi preparada
53		▶	para defender † o brasil, e não só uma região do país.
54		▶	e isso tá dentro da nossa é é, das nossas missões.

O Capitão Vieira explica que o brado da Brigada é a própria materialização verbal do patriotismo que os motiva (linha 45). Vieira insere em sua fala explicações iniciadas com a palavra ‘então’ (linha 50) para intensificar a relevância de sua explicação sobre a grande devoção que os pára-quedistas demonstram pela Pátria, o que os diferencia dos demais combatentes. Tais explicações funcionam ainda qualificando a tropa pára-quedista que Vieira constrói como capacitada para agir em qualquer região do País, demarcando sua ampla atuação na defesa nacional por não ser especializada apenas em um tipo de terreno, podendo ser empregada tanto na selva como na caatinga ou na montanha. O pára-quedista é, pois, segundo Vieira, um militar envolvido com sua Pátria como um todo.

A fim de explorar mais o tema, na linha 81 eu lhe pergunto se ele poderia narrar alguma história em que tivesse vivido este sentimento de patriotismo. Análise o trecho a seguir.

81	D	▶	é: você falou várias vezes já em †patriotismo, ah você
82		▶	pode me contar algum episódio da sua vi:da ou aqui na
83		▶	caserna, aqui no batalhão, ou em alguma missão que você
84		▶	já tenha participado onde isso ficou † patente? o
85		▶	PATRIOTISMO? “eu tô fazendo isso pela minha pátria,
86		▶	pelo meu país”? né? em alguma coisa que você já tenha

87			sido empregado? na hora de você estar com o seu
88			soldado?
89	V	▶	é difícil de responder essa sua pergunta com uma uma
90		▶	uma idéia específica né? porque TUDO que eu fiz, sempre
91		▶	foi com esse sentimento de patriotismo, nada assim
92		▶	ficou mais marcante “pô, isso aqui eu fiz pela pátria,
93		▶	isso não”
94	D		já tá no [sangue né?
95	V	▶	[é NORMAL. tudo o que eu FIZ né? nesses, já tô
96		▶	com praticamente 18 anos de exército, eu fiz com
97		▶	vontade de defender a pátria, eu fiz pela pátria. me
98		▶	recordo VÁRIAS vezes de tá no avião, voando já,
99		▶	equipado, como mestre de salto, que é quem lança os
100		▶	pára-quedistas, de tá ali, “pô, tô aqui mesmo pela
101		▶	pátria, isso é uma doideira, isso é loucura”
102	D		é loucura? [é loucura tá lá em cima?
103	V		[vou tá me jogando () ((fala rindo)) é
104			diferente de qualquer outra coisa né? é diferente,
105			porque a gente já chega ((no combate, na missão a ser
106			cumprida)) de uma forma mais complicada, mais difícil,
107			do que uma outra tropa. mas tudo que eu fiz foi, não
108			teve um sentimento diferente que não seja a <defesa da
109			pátria>.

Na linha 89 Vieira inicia seu turno em resposta ao meu. Ele diz que não pode responder minha pergunta com um relato específico, uma vez que ‘tudo’ (com ênfase prosódica no termo) o que fez até o presente momento foi em nome da Pátria. Esta colocação de Vieira tingue com as matizes do patriotismo toda e qualquer narrativa que ele venha a produzir a cerca de suas vivências profissionais. Percebo que o patriotismo estará sempre emoldurando sua fala deste momento em diante. Usando o patriotismo como pano de fundo, a partir da linha 97 Vieira elabora uma narrativa em que expõe hábitos e rotinas e cujo ponto é o mostrar quão patriota ele é. Em sua narrativa ele se constrói como experiente, cita seus dezoito anos de serviço e menciona sua especialização, ele é mestre de salto. Assegura-se assim um lugar donde possa protagonizar a cena a ser narrada. A ação complicadora de sua narrativa é elaborada com a instanciação de uma fala relatada, um pensamento seu, em que dialoga consigo mesmo (linha100): “pô, tô aqui mesmo pela pátria, isso é uma doideira, isso é loucura”. Noto a carga dramática trazida à sua narrativa com as palavras ‘loucura’ e ‘doideira’. Investida do papel de entrevistadora-pesquisadora, percebo que Vieira relaciona seu trabalho a algo insano, isso me chama a atenção e provoca minha pergunta na linha 102. Para tal pergunta Vieira elabora uma série de avaliações que funcionam avaliando suas experiências como saltador. Nessas avaliações ele constrói o pára-quedista como diferente, como um combatente que enfrenta mais dificuldades que

qualquer outro para chegar ao seu objetivo. Ele insere o riso enquanto instancia as avaliações. Analiso que o riso, aqui, funciona reforçando a posição superior que ele clama para si desde o início desta narrativa, ele ri ao perceber que alguém (a entrevistadora) não alcançou, de imediato, quão arriscado é o exercício de sua profissão. Nas linhas 107-109, Vieira reforça seu ponto, patriotismo, sugerindo uma avaliação que tem também a função de coda, encerrando seu relato como reportável.

O Tenente Wiesser, ao tratar de patriotismo e nacionalidade também faz alusão ao brado de guerra: “Brasil acima de tudo”. Neste trecho, que intitulei “Interação Brasil”, ele desenvolve uma fala onde narra sobre as missões que vem cumprindo por todos os rincões do Brasil.

1	D		alguns já me disseram e eu já pude perceber aqui
2			também, que <“ser um pára-quedista é experimentar o
3			sentimento mais profundo de nacionalidade>”. né, de ser
4			brasileiro, de estar à frente de uma nação,
5			representando, defendendo, é, e protegendo.
6	W		certo
7	D		you já passou alguma situação aonde you tenha
8			vivenciado esse sentimento profundo de nacionalidade?
9	W		sim. bom, é o meu primeiro ano aqui, minha experiência,
10			ainda não é tão grande. né? mas a minha primeira missão
11		▶	fora foi em, em manaus, né? na verdade na província
12		▶	>não sei se é província o nome< mas em urucu, onde tem
13		▶	um pólo petrolífero da petrobrás.
14	D		sei
15	W	▶	então a gente: é foi pra manaus, com tempo, é a gente
16		▶	saltou em urucu, e, tanto na cidade como é: em urucu, a
17		▶	gente sentia que a população ali, quem tava
18		▶	trabalhando, olhava admirado, gostava, via o pessoal
19		▶	muito equipado, né? e os soldados é: os tenentes até
20		▶	voltaram pra passar pro soldado, que: é o único
21		▶	quartel, é a única unidade né? grupo de militares que
22		▶	faz essa interação brasil. Então é rio de janeiro,
23		▶	então vai ter missão em manaus, tem missão no nordeste,
24		▶	tem missão no pantanal, no sul. é a única tropa que faz
25		▶	isso. então o soldado ele: a maioria dos soldados
26		▶	antigos aqui que já ta aqui há quatro anos, ele tem
27		▶	esse sentimento de defesa territorial.
28	D		sei
29	W	▶	por isso o: que até mesmo o nosso brado é brasil acima
30		▶	de tudo
31	D		brasil acima de tudo, né? não se concentra em nenhuma
32			região, né?

Percebo que entre as linhas 9 e 30 o Tenente Wiesser elabora uma narrativa nos moldes labovianos, isto é, ele recaptula uma experiência vivida por ele no passado, relacionando uma sequência verbal de orações a uma sequência de

eventos que realmente ocorreram. Ele insere avaliações externas (linhas 18-19): ‘a gente sentia que a população ali, quem tava trabalhando, olhava admirado, gostava, via o pessoal muito equipado, né?’ A carga dramática trazida na avaliação pelo uso das palavras ‘sentia’, ‘admirado’, ‘gostava’ funciona intensificando o apelo emocional que Wiesser confere à narrativa cujo ponto é a admiração despertada pelos pára-quedistas. Para falar de patriotismo Wiesser narra um episódio em que a tropa pára-quedista figura como digna de admiração. Nas linhas 20 e 21 com a escolha das expressões ‘único quartel’ e ‘única unidade’, Wiesser confere aos pára-quedistas, mais uma vez, um destaque em relação aos demais combatentes. Em uma avaliação iniciada pela palavra ‘então’ (linha 27), os pára-quedistas são construídos como atuantes em todo o território nacional, o que, segundo Wiesser, confere a este combatente um especial ‘sentimento de defesa territorial’. Nesta avaliação, que funciona reforçando o ponto da narrativa, Wiesser relaciona admiração com patriotismo e sentimento de defesa territorial. Para assegurar a força do ponto da narrativa, na linha 29 Wiesser insere mais uma avaliação: ‘por isso o: que até mesmo o nosso brado é brasil acima de tudo’. Neste momento, em sintonia com meu entrevistado, eu colaboro em co-construção, reforçando o ponto da narrativa (linha 31-32): ‘brasil acima de tudo, né? não se concentra em nenhuma região, né?’

O Capitão Vagner também fala sobre patriotismo. O faz, por sua vez, citando parte do texto do juramento à Bandeira Nacional. Em tempo, tal juramento é proferido durante uma formatura, um ato solene, realizado por todos os militares ao incorporarem-se a qualquer uma das três Forças de nosso País, neste caso específico, ao Exército.

Antes de passar à análise deste trecho, e para que minha análise possa fazer mais sentido ao meu leitor, julgo oportuno transcrever o texto do juramento à Bandeira.

“Incorporando-me ao Exército Brasileiro
 Prometo cumprir rigorosamente
 As ordens das autoridades a que estiver subordinado
 Respeitar os superiores hierárquicos
 Tratar com afeição os irmãos de armas
 E com bondade os subordinados
 E dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria
 Cuja honra

Integridade
E instituições
Defenderei
Com o sacrifício da própria vida.”

Ressalto que no juramento à Bandeira, o militar afirma que defenderá a honra, a integridade e as instituições da Pátria com o sacrifício da própria vida.

Transcrevo a passagem intitulada por mim como “Com o sacrifício da própria vida” em que o Capitão Vagner fala sobre patriotismo.

1	D		então, você tá falando em ser útil. você percebe
2			nessa, nessa sua profissão, você experimenta o
3			sentimento profundo de nacionalidade? nesse, desse
4			jeito que você tá falando?
5	V		eu acho [que qualquer
6	D		[você se sente na frente do seu país, de alguma
7			forma?
8	V	▶	eu acho que qualquer um que que que é capaz de dar a
9		▶	vida, pela sua: pelo seu país né? que jura a bandeira,
10		▶	eu acho que sente isso. e ele, só que alguns só
11		▶	conseguem, é: sentir? as consequências desse juramento,
12		▶	quando eles são, quando a vida deles realmente, é
13		▶	colocada em risco né?
14	D		humhum
15	V	▶	e eu acho que, a atividade aeroterrestre ajuda isso
16		▶	também né? porque você é constantemente tá botando
17		▶	sua vida em risco.
18	D		quando você jurou a bandeira que é “defenderei com a
19			[sacrifício da própria vida”
20	V		[É: da própria vida e:
21	D		você percebe isso sempre [nas atividades suas?diárias?
22	V	▶	[SEMPRE, sempre. é, por que?
23		▶	pela atividade aeroterrestre ser real. pela pela nossa
24		▶	disponibilidade de ser acionado a qualquer momento aqui
25		▶	no vinte e seis. é, eu nem sentia tanto, é, no vinte e
26		▶	cinco, quando eu servi lá. eu sinto mais isso AQUI.
27		▶	porque aqui realmente o batalhão tá todo pronto. em
28		▶	quarenta e oito horas a gente tá partindo. então, é é
29			aqui é muito mais, até, muito mais evidente do que no
30			vinte e cinco que que o vinte e cinco tem uma uma, ele
31			é mais vocacionado pra parte de formação de soldados
32			

Entre as linhas 8 e 13 Vagner elabora uma narrativa hipotética, em que relaciona os militares que juram à bandeira, comprometendo sua vida à defesa da Pátria, com o sentimento de nacionalidade. Na linha 10 Vagner insere um elemento complicador em sua narrativa reservando o real sentimento de nacionalidade somente àqueles que realmente vivem a experiência de se arriscar pela pátria. Na linha 15 ele finalmente instância que este sentimento pode ser sentido pelos pára-quedistas, uma vez que são construídos como aqueles que

efetivamente se arriscam pela pátria. Esta afirmação, em forma de avaliação, confere aos pára-quedistas destaque e superioridade. : ‘só que alguns só conseguem, é: sentir? as conseqüências desse juramento, quando eles são, quando a vida deles realmente, é colocada em risco né?’. Na linha 21 eu lhe dirijo uma pergunta no intuito de proporcionar campo para que Vagner desenvolva possíveis narrativas. Entre as linhas 22 e 32 Vagner desenvolve mais uma narrativa hipotética. Nota a ênfase prosódica e a repetição da palavra ‘sempre’. Entendo que estas marcas lingüísticas contribuem para a construção do ponto de sua narrativa: segundo Vagner, um pára-quedista carrega consigo, onde quer que vá, o sentimento de nacionalidade e patriotismo em função de sempre correr risco de vida em suas atividades profissionais. Nesta narrativa, Vagner também diferencia os pára-quedistas do 26º dos pára-quedistas dos outros batalhões, reduzindo e qualificando ainda mais seu grupo, que julga superior e seletivo. Para tanto faz uso de avaliações com expressões como: ‘é, eu nem sentia tanto, é, no vinte e cinco, quando eu servi lá. eu sinto mais isso AQUI.’ ou ainda ‘então, é aqui é muito mais, até , muito mais evidente do que no vinte e cinco’.

Há inúmeras outras passagens sobre patriotismo, nacionalidade e brasilidade nos dados gerados para esta pesquisa. Vale ressaltar ainda que meus pares-pesquisados não fazem distinção entre esses três conceitos, tratando-os indistintamente e até mesmo usando um como sinônimo dos outros, como se pode notar nas passagens analisadas. Por este motivo minhas discussões abordam tais conceitos sem tentar distingui-los. Creio, no entanto, que as análises evidenciadas em meu texto tenham deixado claro quão forte e determinante de suas identidades sociais é a idéia de patriotismo para a tropa pára-quedista.

Pude entender que os pára-quedistas com quem conversei entendem sua Pátria, e conseqüentemente a Soberania Nacional, como razão maior de sua escolha profissional, e até mesmo como a razão de suas vidas. O Capitão Rocca, na linha 23 do texto que intitulei “É pra isso que a gente vive”, faz tal afirmação de forma bastante contundente.

1	D		o que a área de estágio fez com você? ou de você? ((a
2			área de estágio é a fase do curso de paraquedismo em
3			que os candidatos são bastante exigidos física e
4			psicologicamente))
5	R		a área de estágio transforma, né? a gente fala lá que
6			a área transforma né, o pé preto no pára-quedista. né?

7			então eu acho que, nessa parte aí a área de estágio
8			deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão,
9			porque isso aí coloca em risco em risco, essa
10			diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a
11			própria mística pára-quedista que você, que é o
12			objetivo da sua pesquisa. então isso aí eu acho que
13			coloca em risco.
14	D		hum
15	R		a mística pára-quedista. eu acho que a brigada pára-
16			quedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa, que
17			tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra
18			demonstrações, () não pronta pra é: ser vitrine.
19			nada disso. acho que a gente tem que ser preparado pra
20			guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada
21			pára-quedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu
22			acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem
23			acreditar. porque é pra isso que a gente vive.
24	D		vocês estarem prontos pra guerra?
25	R		é

Minhas análises me dizem que os pára-quedistas colocam a Pátria como sua grande motivação. Ao Brasil eles dizem devotar sacrifícios, serviço, amor, entusiasmo, uma enorme gama de emoções existenciais, enfim, suas próprias vidas.

Essas análises me fizeram pensar sobre a relação entre o conceito de comunidades imaginadas (Anderson, [1983] 2005) e o sentido que os pára-quedistas constroem para a Pátria cuja honra, integridade e instituições juraram defender com o sacrifício da própria vida. Anderson define a nação como “(...) uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ibidem:25).

À luz de Anderson, afirmo que os pára-quedistas construíram a imagem da comunidade a que servem, a Nação Brasileira, limitando-a a um determinado território, imaginando seus membros em comunhão, criando fronteiras de ‘nós-brasileiros’ e ‘eles-não-brasileiros’. Os pára-quedistas constroem-se como crentes em sua Pátria como soberana, isto é livre de explorações estrangeiras e dominações que cerceiem suas atitudes políticas no cenário mundial. Os pára-quedistas constroem-se como capacitados a atuar em toda e qualquer região do Brasil, da caatinga ao Pantanal, da selva aos pampas, das montanhas ao cerrado, do Oiapoque ao Chuí, da Ponta do Seixas à Serra da Contamana, e não mencionam qualquer tipo de distinção que afete seu comprometimento com o bem-estar de seus compatriotas. Um ‘pequedê’ diz servir, na figura da pátria imaginada e soberana, igualmente a todos os membros da comunidade,

independente de classes e posições sociais, expressando sentimentos de fraternidade para com seus compatriotas.

Anderson (ibidem) coloca também que a tendência de toda comunidade imaginada é seguir existindo, porém não sem se transformar, até que depois de tanta transformação já se faz outra. No entanto, não creio que o combatente (em especial o combatente pára-quedista por ser o foco de minhas análises) imagine a Pátria como algo fluido e mutante. Para um pára-quedista, a idéia de Pátria e Nação é inquestionável. Em suas falas, como apontado nas análises, eles se constroem como capazes de doar suas vidas em nome da Pátria, morrendo por seus imaginados compatriotas e pela imaginada noção de território livre e fraterno. Aponto que, segundo Anderson (ibidem), a noção de Pátria imaginada não deve ser entendida como uma imagem falsa ou fabricada, em oposição a algo verdadeiro e real. Acredito que os pára-quedistas, em suas falas, constroem sentidos e imagens, entendendo o mundo a sua volta, interpretando-o simbolicamente, representando-o no discurso. Analiso que suas idéias acerca do país a que dedicam as vidas tendem a ser firmes e objetivas, visto que, em função de conhecerem a arte da guerra, sabem que comunidades podem ser aniquiladas e excluídas em guerras, ainda mais em tempos pós-modernos de guerras tecnológicas, de guerras veladas de interesses e poder. Ainda que pareça paradoxal, agarrar-se à imagem de uma Pátria soberana, perene e real relaciona-se intimamente à construção da identidade de um grupo que faz desta mesma pátria razão de suas vidas, ou seja, a razão de ser quem afirmam ser. Além disso, atribuir a razão de seu viver a algo fluido e passageiro, seria lutar em vão, seria jogar fora suas vidas, esvaziando-as de valor e sentido. Imaginar e acreditar na idéia de Pátria é, dentre outras coisas – como hierarquia, disciplina, obediência – uma questão identitária, existencial para os pára-quedistas. Assim entendo.

4.3.8

“O pára-quedista já tem a coragem, é dele, é inato” (Tenente Coronel Ermínio) – Coragem

Grande parte das narrativas produzidas por meus pares-entrevistados pode ser classificada como narrativas de coragem, mesmo nos momentos em que este não era o tema sobre o qual nossas conversas giravam. Creio que a presença

constante do espírito de coragem além de ser algo dado como natural pelos pára-quedistas, é entendido como decorrente do emprego estratégico desta tropa. Como coloca o Tenente Coronel Ermínio no trecho retirado de sua entrevista (que pode ser encontrada na íntegra nos anexos deste trabalho):

‘a gente fica bastante orgulhoso de ver que é realmente CORAGEM TEM. >o pára-quedista já tem a coragem né?< é:: é dele, é inato, eu acredito que é inato, ele quer ser pára-quedista ele já sabe.. ele TEM a coragem’.

Esses profissionais vivem, no exercício diário de suas atribuições, situações altamente perigosas, que envolvem efetivo risco de morte. Os pára-quedistas constroem-se como audazes e desafiadores no cumprimento de sua missão constitucional, que é defender a soberania nacional, ao serem empregados em uma substancial e diversificada gama de missões. Observo desta forma, nos dados gerados, narrativas decorrentes do emprego estratégico desta tropa, definido nos estatutos da Força. Foram produzidas narrativas de episódios em que a tropa pára-quedista era empregada em operações de garantia da lei e da ordem, ações cívico-sociais, intervenções de conflitos urbanos, ações específicas contra o crime organizado, em missões de paz no exterior, operações de inteligência, sem falar dos saltos propriamente ditos. Ao meu olhar de analista do discurso, os pára-quedistas, enquanto personagens centrais dessas narrativas, dão vida àqueles a quem chamamos, no senso comum, de corajosos. Percebi, nas análises, que os pára-quedistas constroem sentidos bastante genuínos para o termo, re-significando a idéia de coragem, à sua maneira.

Face ao acima exposto, entendo que qualquer das narrativas que foram produzidas durante a geração de dados desta pesquisa poderia ser analisada como uma narrativa de coragem. Selecionei, no entanto, passagens que particularmente me interessaram, por diferentes razões, que passo a expor nas análises a seguir.

Os pára-quedistas com quem conversei entendem-se e constroem-se como corajosos. No entanto, para eles, coragem e medo não são emoções excludentes. Para um pára-quedista, sentir coragem não significa necessariamente não ter medo. Como pode ser visto na fala do capitão Vieira, por mim intitulada ‘Eu nunca estive em uma situação tranqüila, nunca’, a seguir.

20	D	você já passou [por alguma pane?
----	---	----------------------------------

21	V	[já, já passei
22	D	você podia me contar?
23	V	°lhe conto°, mas só só concluindo, é a: a: realmente o
24		que você disse é: confiar no equipamento. eu confio
25		MUITO no equipamento. aliás, em TUDO que eu fiz no
26		exército. <eu sempre tive medo> mas a minha coragem
27		sempre foi MAIOR [do que o medo
28	D	[além do medo
29	V	eu NUNCA estive em uma situação tranqüila. [nunca
30	D	[é, quem não
31		tem medo é LOUCO, né?=-
32	V	=é louco. eu nunca tive esse sentimento de loucura “vou
33		me jogar daqui, vou fazer rapel ((descer por corda)),
34		vou fazer rapel do helicóptero, vou fazer um
35		<i>halocasting</i> ((tipo de incursão muito perigosa em que se
36		salta do helicóptero na água, sem pára-quedas, de uma
37		altura de 10 a 20 metros)). qualquer coisa que eu fiz,
38		eu sempre tive aquela dorzinha no estômago, mas sempre
39		com é é, MINHA coragem, né? minha determinação... por
40		isso que eu acho que a gente tem um pouco de diferente.
41		né? a gente consegue vencer essa situação
42		

Eu peço que Vieira me relate alguma situação onde tenha ocorrido uma pane em seu equipamento no momento do salto, eu não falo especificamente sobre medo. Aponto que na linha 26 o tema ‘medo’ é espontaneamente introduzido pelo capitão, em uma avaliação para a narrativa que estaria por vir. Ele associa a narrativa que virá a medo e coragem. Vieira marca prosodicamente o termo ‘tudo’, além de instanciar a frase ‘eu sempre tive medo’ em ritmo mais lento. Essas marcas prosódicas funcionam enfatizando a presença do medo em todas as situações perigosas pelas quais já passou no exercício de sua profissão. Na linha 30, enquanto entrevistadora, faço uma intervenção co-construindo sentidos, ao sugerir uma avaliação para afastar a figura do louco dos relatos de Vieira. Vieira concorda comigo e na linha 32 inicia uma narrativa não-canônica, enumerando situações arriscadas às quais já esteve exposto. A inserção de suas próprias falas relatadas funciona conferindo maior veracidade à sua história, já que o próprio narrador se constrói como o personagem que viveu a experiência, expondo seus pensamentos carregados de emoção. O ponto da narrativa é contrastar a presença concomitante do medo e da coragem nos momentos na vida de um pára-quedista, assim, com a inserção de tais falas relatadas Vieira reforça o ponto da narrativa. Além disso, com conteúdo semântico de suas falas relatadas, Vieira faz ver, posicionando-se de forma um tanto despretensiosa, as situações perigosas a que se submete em sua profissão, enaltecendo sua identidade de combatente pára-quedista experiente acostumado com o perigo. Na linha 38

Vieira elabora avaliações que servem como explicações denotando que a emoção decorrente do medo sempre esteve ao lado da coragem. Nessas avaliações, noto que a palavra ‘medo’ não é instanciada. Vieira usa uma metáfora, a saber, a expressão mitigante (também por estar no diminutivo) ‘dorzinha no estômago’, para substituir a palavra medo. Com tal mitigação Vieira constrói-se como consciente das emoções provocadas pelo medo. Noto a escolha pela palavra ‘minha’, pronunciada com ênfase na linha 39 ao adjetivar a coragem. Tal escolha denota que Vieira se constrói como um ‘possuidor da coragem’, como se a coragem fizesse parte dele, construindo-a até mesmo como uma entidade com vida própria. Na linha 40 Vieira elabora outra avaliação que funciona, uma vez mais, diferenciando a tropa pára-quedista das demais ao afirmar que um pára-quedista consegue vencer o medo. Segundo Vieira, na batalha entre medo e coragem, a vitória é da coragem. Em consequência da expressão deste tipo de sentimento, isto é, a emoção de vencer o medo e deixar falar a coragem, o pára-quedista atribui-se um diferencial em relação às outras pessoas, demarcando mais uma vez a superioridade do pára-quedista em consequência da expressão deste tipo de emoção.

Na fala do Major Firmino a coragem também é construída, não como a ausência mas sim a superação do medo. No trecho a seguir, esta é a idéia que ele constrói.

58	F		então é o preparo físico, aceitação do grupo, o preparo físico, entendeu? e <a constante superação>. porque
59			saltar do avião, >a verdade é essa<, saltar do avião,
60			saltar de pára-quedas dá medo. entendeu? o camarada ta
61			dentro do avião ali, <ele SENTE medo>. não tem como
62			negar. EU sinto. DEPOIS de um tempo, né? aquele
63			negócio, dá um dispositivo ali que fff ((imita o
64			barulho do vento)) você sai do avião, e pronto. então,
65			eu hoje, eu não sinto mais esse medo, já tenho, né? já
66			tenho algum tempo aí, já tenho. então eu não sinto mais
67			esse medo, mas SEMPRE dentro do avião vem aquela
68			preocupaçãozinha “pô, e se não abrir? vou comandar o reserva° .
69			PRA MIM e pra muitos aqui isso já é normal, eu sei que
70			tem camaradas ali, que eles têm verdadeira FOBIA. e são
71			esses caras aí que eu digo que são os verdadeiros
72			corajosos
73			
74	D		sim
75	F		né? porque eu acho que coragem é a superação do medo. o
76			cara que não tem medo, não pode dizer que tem coragem.
77			mas eu sei que tem muitos. soldado então? tem soldado
78			que tem verdadeira fobia, e ainda assim ele se lança.
79			então é uma renovação daquele reforço. o cara (hhh) no
80			final ele pra ele mesmo vai ta se sentindo “pô, me

81		supere:i" e o grupo vai ta aceitando ele porque ele
82		chegou de pára-quedas e assim vai né?

A partir da linha 58, o Major Firmino inicia a elaboração de uma narrativa não canônica para falar da luta entre o medo e a coragem na vida de um pára-quedista. É um relato rico em recursos lingüísticos para a construção de sentidos, um relato vívido, onde o major Firmino constrói uma faceta de suas identidades mediante sua performance narrativa. Entendo que o ponto desta narrativa é a superação do medo, enunciado em ritmo mais lento (linha 59) e reforçado com a avaliação ('a verdade é essa') na linha 60, por sua vez enunciada em ritmo mais acelerado. A variação de ritmo empenhada pelo major em sua narrativa já deixa notar a vivacidade com que ele elabora seu relato. Além disso, percebo outras marcas lingüísticas que contribuem para tornar tal narrativa mais viva. O major insere em meio a seu relato, por duas vezes, a pergunta 'entendeu?'. Analiso que este é um recurso usado pelo major que confere importância ao que é relatado, uma vez que clama pela atenção interativa da pesquisadora, e que denota a postura explicativa que o major clama para si e intensificando a reportabilidade do relato. Na linha 63 o major afirma sentir medo, porém mitiga o sentido construído para seu medo uma vez que se constrói como um pára-quedista experiente que já está habituado ao medo (linha 64). Usando mais um recurso para tornar vívida sua narrativa, o major imita o barulho do vento (linha 64), isto é, sua fonologia expressiva traz veracidade ao relato. A fala relatada, inserida na linha 69, é instanciada em tom de voz mais baixo, o que funciona movimentando ainda mais o ritmo do relato. A escolha do termo 'preocupação' no diminutivo (preocupaçãozinha) em substituição a 'medo' denota uma certa superioridade com que um pára-quedista experiente entende o medo. Na linha 70 o major constrói-se, mais uma vez, como superior a este medo, ao dizer que o medo é normal para ele, porém quando se refere a outras pessoas, o termo usado é 'fobia', em tom de voz mais alto, intensificando a carga dramática do ponto da narrativa. O ponto é mais uma vez demarcado na linha 72 com a avaliação: 'esses caras aí que eu digo que são os verdadeiros corajosos'. Entre as linhas 75 e 82 o major elabora uma série de avaliações que funcionam sustentando seu ponto. Considero que tantas avaliações, aliadas ao estilo animado que o major confere ao seu relato contribuem para intensificar a reportabilidade da narrativa denotando a importância que os pára-quedistas atribuem à luta entre o medo e a coragem, uma

vez que, segundo eles, se não se mostrarem corajosos em suas atividades, não serão capazes de cumprir suas missões.

A história do major Firmino me possibilita discutir também sobre narrativa como performance de identidade (Langellier, 2001). O efeito produzido pela narrativa vívida do major Firmino suscita toda a sua experiência como pára-quedista criando um laço de comprometimento interacional com quem o escuta. O major atua como o narrador de um evento que viveu. Podemos observar um certo distanciamento entre o evento narrado e o evento narrativo. No evento narrativo, isto é, o ato de narrar, há toda uma encenação por parte do major, que faz uso de variados recursos lingüísticos, como demonstrado na análise, o que favorece a construção do ponto de sua história e da identidade de pára-quedista experiente e vitorioso na batalha entre medo e coragem, que clama para si. Sua atuação ao contar a história favorece um espaço interacional onde tanto o significado social da história que conta, quanto a identidade que quer clamar para si são articulados, estruturados, debatidos e construídos. Como explica (Langellier, 2001: 150), “A realidade, ou seja, ‘o que aconteceu comigo’, é constituída e contestada porque contar uma determinada história de uma forma particular, invariavelmente privilegia certos interesses (experiências e significados, realidades e identidades) em detrimento de outros. Acredito que a performance do major contribuiu deveras na construção dos sentidos que ele queria.

A não demonstração de tão importante atributo por um pára-quedista, a coragem, estigmatiza-o perante o grupo, como explica o Tenente Coronel Ermínio na passagem a seguir, intitulada por mim de ‘O pára-quedista que se recusar a saltar tá crucificado’.

1	MD	coronel, não quero tomar mais o seu tempo, mas uma
2		última pergunta aqui. é... existem † estíguas assim,
3		coisas que, características e qualidades que um pqd
4		não pode ter? que ele fica estigmatiza:do se ele se
5		comportar de um jeito ou de outro? ou se ele fizer uma
6		coisa ou outra? existe algum código de honra, que tem
7		que ser respeitado, ainda que veladamente, mas alguma
8		coisa “!pô, esse cara aí não PODE, NÃO DÁ”
9	CE	é... olha aqui é o seguinte. o pára-quedista que se
10		recusar a saltar ele tá <crucifica::do>
11	MD	hum hum
12	CE	se recusar a saltar ... está implícito que ele perdeu
13		a CORAGEM ... mesmo que ele tenha outras motivações
14		... uma outra coisa que o pára-quedista busca é não,
15		não ficar machucado muito † tempo

Na linha 9 o Tenente Coronel Ermínio insere um explicação que colabora para construir o sentido de que sua fala deve ser entendida como a verdade daquele instituição: ‘olha aqui é o seguinte.’ A metáfora ‘crucificado’, marcada prosodicamente com um alongamento, para se referir ao estigma imputado ao pára-quedista que se recusa a saltar, constrói um sentido de morte para aquele ‘pequedê’ que não vencer a batalha contra a superação do medo. Ainda que ele evidencie outras qualidades, o grupo irá, impiedosamente afastá-lo do ‘hall’ dos ‘diferentes’, os pára-quedistas. Demonstrações de coragem é, sempre, fundamental para ser um deles.

O Capitão Wagner, na interação que analiso a seguir, desenvolve os conceitos de coragem, medo, audácia e sorte de forma bastante articulada, pensada e estruturada. Nossa interação desdobra-se a partir de uma máxima comumente bradada entre os pára-quedistas: ‘A sorte acompanha os audazes’, título que atribuí a esta passagem. Tal máxima é citada por mim após Wagner ter mencionado um atributo cultuado entre os pára-quedistas, a audácia.

27	V		uma coisa mais, um pouquinho, é: não é suicida, não
28			digo suicida porque ninguém é maluco. todo mundo tem
29			medo
30	D		metaforicamente só, né?
31	V		é metaforicamente. é: você, tem uma: uma linha de
32			pensamento. você é mais audaz.
33	D		é, é, porque o [risco é eminente, né?
34	V		[eu acho, é é. você, por isso, por você
35			estar envolvido com isso, você se torna mais audaz.
36			você: conta um pouquinho mais com com a sorte, com a
37			[sorte natural
38	D		["a sorte acompanha os audazes"? isso acontece?
39	V		É, é por ai. acontece. é exatamente isso. "a sorte
40			acompanha ou audazes" por que? você consegue ousar um
41			pouco mais, e realmente ah ah a diferença entre o herói
42			e o idiota ta na no nível de ousadia deles. só o o
43			audaz consegue ser herói ou idiota. que o outro vai
44			ser mediano pro resto da vida.
45	D		sei
46	V		né? então é aquele negócio. às vezes pode até acontecer
47			de uma de uma operação mal sucedida você virar o
48			idiota. mas só o audaz conseguiria isso.
49	D		humhum
50	V		o cara que é o ramibola ali, o mediano? ele nunca vai
51			conseguir, ser o herói.
52	D		sem ousar ele não vai conseguir
53	V		então é mais ou menos esse espírito. e é o espírito
54			que, que é o que envolve a mística pára-quedista. que é
55			desenvolvido pela atividade aeroterrestre, que é
56			cultuado na brigada.

57	D		a imagem do herói tá cercando isso? você citou o herói.
58			o que é o herói pra você? você tem algum exemplo?
59			
60	V		o herói é o audaz pra mim. o herói é o audaz bem
61			sucedido...
62	D		é um acaso?
63	V		é né? tudo na vida é um acaso, né?
64	D		hum?
65	V		Tudo
66	D		é sorte? Ser herói é sorte? [“a sorte acompanha os
67			audazes”?
68	V		[não não. eu acredito que a
69			sorte? nada mais é que o encontro do preparo com a
70			oportunidade. né? então você nunca consegue se:r, se
71			você for audaz, e incapaz? você sempre vai ser um
72			idiota.
73	D		humhum
74	V		se você conseguir, unir, a sua audácia, ao preparo e à
75			oportunidade de ser um herói? você vai ser um herói.
76			você, até você aumenta a sua: probabilidade de ser um
77			herói.

Nesta narrativa percebo que Vagner quer afastar a imagem do pára-quedista como um suicida ou um louco, preferindo identificá-lo como um combatente audaz que enfrenta o medo (linha 27). Acredito que a preferência pelo termo ‘audaz’ atribui ao pára-quedista a lucidez inexistente em um suicida ou em um louco, mais uma vez denotando racionalização e construção lingüística das atitudes deste combatente. Creio que o audacioso seja, em uma versão customizada pelos pára-quedistas, aquele a quem julgamos corajoso. Na visão de um pára-quedista, eles são audazes. Este termo implica destemor, um misto de coragem com desafio, típico de um guerreiro.

A idéia que motivou o desdobrar do conceito de medo e audácia foi introduzida por mim, na linha 38, quando eu cito a máxima pára-quedista: “a sorte acompanha os audazes”? isso acontece?”

No jogo interacional, por duas vezes eu o coloco em ‘xeque’ (linhas 38 e 66), desafiando-o a construir um sentido convincente para a expressão ‘herói’, citada por ele próprio na linha 42. No desdobrar de seus turnos, Vagner evidencia todo um trabalho discursivo na construção da identidade do pára-quedista audaz. Vagner contrapõe suas interpretações sobre as categorizações de ‘combatente-audaz’, do ‘combatente-herói’ e do ‘combatente-idiota’ relacionando-as com as idéias de sorte, oportunidade e preparo profissional. A identidade construída para um combatente pára-quedista suscita a figura do herói que só é possível com uma determinada combinação de sorte, audácia, oportunidade e preparo profissional.

Acrescento que Vagner esmera-se por dissociar o heroísmo demonstrado por um pára-quedista como decorrente de mero acaso ou sorte, pois isso esvaziaria este combatente do valor dos atributos tão cultuados na brigada pára-quedista, a saber: preparo físico, determinação, preparo profissional, espírito de equipe etc, reduzindo seu sucesso e vitórias ao acaso, à sorte.

Analiso que há uma enorme quantidade de frases feitas na fala de Vagner, por exemplo: ‘a sorte acompanha ou audazes’, ‘a diferença entre o herói e o idiota ta na no nível de ousadia deles’, ‘às vezes pode até acontecer de uma de uma operação mal sucedida você virar o idiota. mas só o audaz conseguiria isso’, ‘o cara que é o ramibola, o mediano? ele nunca vai conseguir, ser o herói’, ‘o herói é o audaz bem sucedido’, ‘eu acredito que a sorte nada mais é que o encontro do preparo com a oportunidade’ ‘se você for audaz e incapaz você sempre vai ser um idiota.’, ‘se você conseguir, unir, a sua audácia, ao preparo e à oportunidade de ser um herói, você vai ser um herói.’ Entendo que esta é mais uma marca da racionalização com que um pára-quedista trabalha sua auto-imagem e que tais respostas prontas apontam para a dimensão de quanto a participação na entrevista foi preparada e pensada pelo grupo como um todo. Digo preparada e pensada porque me parece que suas respostas são muitíssimo bem elaboradas, encadeadas. Quero crer que todas essas idéias são trabalhadas, conversadas, construídas na vivência de muito trabalho discursivo, de muita construção de sentidos seja em leituras ou em conversas e narrativas em que se engajam, quando os ‘*pequedês*’ se socializam e falam de si e de seus feitos. A fala de Vagner deixa ver que os guerreiros pára-quedistas pensam na arte da guerra, elaboram suas identidades e seus comportamentos dentro desse contexto. Além disso, essas frases prontas apontam para a força da doutrina na formação dos pára-quedistas. Os discursos que veiculam durante as entrevistas trazem as vozes institucionais, isto é, idéias que são comungadas pelo grupo, trabalhadas e entendidas como a verdade desta comunidade.

4.3.8.1

“Dai-me, Senhor meu Deus, o que vos resta” (Oração do pára-quedista)

Prosseguindo com a discussão acerca da importância do valor ‘coragem’ para este grupo, quero contar uma história em particular, uma história de ‘pequedê’.

Contam os pára-quedistas, que durante a Segunda Guerra Mundial, um General francês encontrou no bolso de um pára-quedista morto heroicamente em combate, um arrazoado, escrito de próprio punho pelo soldado abatido. Ao ler tais palavras, o general percebeu tratar-se de uma invocação dirigida a Deus, através da qual aquele soldado pára-quedista fazia alguns pedidos aos céus.

Esta história é largamente contada e cultuada na brigada pára-quedista, usada na construção da identidade daquele combatente. Ela é contada, repetida, lembrada e aludida em um sem par de ocasiões por referir-se ao momento lendário da criação da ‘Oração do pára-quedista’. A Oração do Pára-quedista fala de coragem, de força e de fé. Julgo ser oportuno mencioná-la nesta altura do meu texto, já que muitos dos meus pares-entrevistados fazem alusão a ela.

As palavras são as seguintes:

“Dai-me, Senhor meu Deus, o que Vos resta;
 Aquilo que ninguém Vos pede.
 Não Vos peço o repouso nem a tranqüilidade,
 Nem da alma nem do corpo.
 Não Vos peço a riqueza nem o êxito nem a saúde;
 Tantos Vos pedem isso, meu Deus,
 Que já não Vos deve sobrar para dar.
 Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
 Dai-me aquilo que todos recusam.
 Quero a insegurança e a inquietação,
 Quero a luta e a tormenta.
 Dai-me isso, meu Deus, definitivamente;
 Dai-me a certeza de que essa será a minha parte para sempre,
 Porque nem sempre terei a coragem de Vo-la pedir.
 Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
 Dai-me aquilo que os outros não querem;
 Mas dai-me, também,
 A coragem, a força e a fé.

A primeira vez que ouvi estas palavras, confesso que me surpreendi. Questionei-me: “que pessoa é esta, que pede a tormenta, a inquietação? Quem poderia querer algo assim?” A resposta está clara no nome da oração, isto é, o

combatente pára-quedista. Julgo que com esta tese, eu possa também oferecer uma resposta a tal pergunta. Discutir sobre o sentido da oração do pára-quedista ajuda a entender a identidade que tal grupo clama para si.

Percebo, pela análise do conteúdo da Oração do Pára-quedista, que este combatente faz-se entender como um bravo guerreiro, corajoso e destemido o suficiente para ousar pedir o lado mais nefasto do combate, ou seja, o sofrimento. Essas palavras, ao serem recitadas em momentos de tremenda vibração da tropa, onde se pode perceber a efervescência das massas (Durkheim, 1960), agem na construção de identidade do pára-quedista. Acreditando ou não na versão da origem da oração, os combatentes pára-quedistas, na intensidade das emoções que surgem quando estão em grupo, clamam por tudo de negativo que jamais uma pessoa comum clamaria, reservando-lhes uma colocação diferenciada na sociedade. Entendendo-se como especiais, audazes, corajosos e fortes, os pára-quedistas concluem a oração com seu pedido maior: eles querem a coragem, a força e a fé. Noto que eles não pedem a vitória, e sim a força para lutar. Presenciar uma tropa inteira de pára-quedistas no momento em que entoam, em grupo, sua oração, permite observar a emoção de que são tomados. Os pára-quedistas mostram-se envolvidos por emoções identitárias advindas do orgulho que sentem da profissão que escolheram, e por analogia, do prazer e orgulho entender que são quem dizem que são.

O Major Firmino explica como ele entende as palavras desta oração em uma narrativa descontraída que contextualiza bem a razão de pedir a tormenta ao invés de pedir, de pronto, a vitória.

24	F		[isso, é. e no final das contas ele
25			morreu. ele era um pára-quedista e tava lá. o que ouvi
26			um pouco mais a fundo a história é que ele, ele tava
27			justamente naquele momento que antecedia o ATAQUE.
28	D		Certo
29	F		então, aí, tentando me transportar pra um momento desse
30			aí, eu acho que o camarada estava num desespero total.
31			né? tipo assim, acho que deve ser, né? não só pra ele
32			como pra qualquer um que esteja em guerra, saber que
33			você vai partir pra, METRALHADORA, BOMBAS, MINAS, né?
34			granada, aquele negócio todo ali, deve ser um negócio,
35			APAVORANTE. então ele devia tá ali num momento, <mais
36			SINISTRO do medo pra qualquer ser humano>. e aí eu acho
37			bacana essa oração porque ele, com todo aquele medo que
38			ele tinha ali, ele ter assim uma: um BRIO próprio de
39			não pedir NADA pra amenizar aquilo ali
40			
41	D		Sim

42	F		"não, deixa esse negócio todo pra todo mundo. eu não
43			quero nada disso". mas ele só queria três coisinhas: a
44			coragem, pra continuar seguindo, a força né? pra chegar
45			até onde tinha que chegar, que certamente devia ser um
46			terreno grande a frente dele ali, e a fé porque né? a
47			ligação dele com com o divino né? mas essa oração, acho
48			que é, ela é válida no momento é: num momento desse
49			assim né? † decisivo. já no dia-a-dia, até muitos
50			colegas contestam né? o pessoal brinca né? "ah, não
51			pediu?"
52	D		se:i
53	F		"não pediu pra sofrer?" né? não sei se é isso que você
54			perguntou mas acho que é é, ela retrata uma certa face
55			do pára-quedista. não o dia-a-dia mas
56	D		Sim
57	F		eu acho, que >e também nem o do pára-quedista< , mas o
58			COMBATENTE de VERDADE, eu acho que ele deveria pensar
59			assim, realmente. o cara, eu acho que o cara só vai
60			conseguir se dar bem no combate, se ele pensar: "bom, o
61			que eu tinha na minha vida particular, acabou. agora é
62			MINHA SOBREVIVÊNVA aqui. e acho que o que o cara
63			precisa pra sobreviver é isso aí mesmo: coragem, força
64			e fé, o resto? tudo na guerra dever ser... assim né?
65			fome, frio, deve ser constante isso aí, saudade. então
66			se o camarada começar a pedir muita coisa boa, né?
67	D		ele vai fugir muito do contexto, vai estar com a cabeça
68			em outro lugar, né?
69	F		eu achei bacana porque ela ((a oração do pára-
70			quedista)) retrata não um lado do pára-quedista, mas um
71			lado do, digamos assim, de um COMBATENTE PERFEITO. o
72			cara tá ali, "não, é agora mesmo e vamos lá"

No turno do Major Firmino compreendido entre as linhas 29 e 40, observo marcas prosódicas nas palavras: ATAQUE, METRALHADORA, BOMBAS, MINAS, APAVORANTE, SINISTRO e BRIO. Com essas palavras, o Major Firmino enquadra o momento em que um pára-quedista, supostamente aquele soldado que escreveu a oração, vive a inquietação e a tormenta da guerra. Ele diz, com admiração, que aquele soldado teve brio de não pedir simplesmente a vitória, nem que fosse liberto de tamanho horror. Acrescenta que um pára-quedista pede apenas, em suas palavras, 'três coisinhas': coragem, força e fé.

O Major Firmino insere uma avaliação, demarcando seu ponto e posicionando-se enquanto pára-quedista; explica também que essa oração retrata uma face do pára-quedista, a face que ele usa na batalha: 'mas essa oração, acho que é, ela é válida no momento é: num momento desse assim né? † decisivo. já no dia-a-dia, (...) ela retrata uma certa face do pára-quedista. não o dia-a-dia (...)' Este comentário já deixa ver que o pára-quedista se entende como um combatente em moldes pós-modernos, isto é, adaptável a diferentes enquadres, situações, interações. Muitas são as facetas,

muitos são os contextos por onde circula um pára-quedista. Pelo que pude entender até agora, a coragem, no entanto, deve lhe acompanhar sempre.

Não poderia me abster, em minhas análises do ideal pára-quedista ‘coragem’, de mencionar uma narrativa a coragem é o ponto. A narrativa é elaborada pelo Tenente Coronel Ermínio e trata do emprego da tropa pára-quedista no Haiti. Esta narrativa também é provocada ao falarmos do conteúdo da Oração do Pára-quedista.

44	MD		= é, mas eles pedem a TORMENTA nessa oração, dai-me a
45			torme::nta... mas dai-me também, no final, a força ...
46			[a coragem e a fé
47	CE	▶	[a coragem e a fé ... é ... isso é engraçado viu,
48		▶	daniela, porque:: a tormenta, a inquietação ...
49		▶	↑>alguns viveram mesmo<
50	MD		Hum hum
51	CE	▶	eu digo, essa missão no haiti: nós chegamos lá numa
52		▶	situação bastante complicada ... o segundo contingente
53		▶	estava vivendo aí uma reação muito ↑violenta das
54		▶	gangues. houve uma fuga de trezentos bandidos de uma
55		▶	vez só, e de março até maio quando nós retornamos pra
56		▶	lá, março foi o reconhecimento, isso tava, realmente
57		▶	cada patrulha que saía sofria emboscada, tiro, aí, a
58		▶	partir do momento que a gente foi resolvendo o
59		▶	problema, a coisa ficou mais tranquila. então ESSE
60		▶	<pessoal que chegou> conhece exatamente o que é dito na
61		▶	oração. os que não conhecem, eu tenho certeza que não
62		▶	vão ficar com medo na hora. medo fica, mas cumpre
63		▶	exatamente o que tá sendo dito

Nas linhas 47 a 49, o TC Ermínio sinaliza que vai iniciar uma narrativa, oferecendo um resumo inicial: ‘isso é engraçado viu, daniela, porque:: a tormenta, a inquietação ... ↑>alguns viveram mesmo<’. Ao mencionar meu nome, o TC Ermínio faz com que eu me sinta ainda mais interessada naquilo que ele tem a narrar, uma vez que faz entender que narrará especialmente para mim, intensificando a importância da história que desenvolverá e todos os sentidos que ela vier a construir em nossa interação. Entre as linhas 51 e 59, o TC Ermínio narra a situação de tormenta que seus homens viveram quando o segundo contingente de tropas da ONU foi enviado para controlar o caos político no Haiti. Ele faz menção, em orientações, às gangues de criminosos que aterrorizavam aquele país, a emboscadas sofridas por suas patrulhas, a tiros dirigidos contra seus homens. Curiosamente, a ação complicadora desta narrativa funciona ‘descomplicando-a’, afinal são os pára-quedistas que intervém: ‘aí, a partir do momento que a gente foi resolvendo o problema, a coisa ficou

mais tranqüila.'. Na linha 59 o TC Ermínio oferece uma resolução que pode ser também entendida como o ponto (mostrar que o pára-quedista tem medo, mas que isso não o impede de agir, de cumprir missão): 'então ESSE <pessoal que chegou> conhece exatamente o que é dito na oração. os que não conhecem, eu tenho certeza que não vão ficar com medo na hora. medo fica, mas cumpre exatamente o que tá sendo dito'. Entendo, desta forma, que a tormenta, a inquietação são vistas pelo pára-quedista como um momento oportuno para deixar aflorar a coragem. O sentido construído para a coragem, pelo TC Ermínio, ao fazer alusão às palavras proferidas na Canção do Pára-quedista, corrobora com a explicação oferecida pelo Major Firmino: para um pára-quedista, sua coragem vence, sempre, a batalha contra o medo. A identidade clamada para um pára-quedista na narrativa produzida pelo TC Ermínio pode ser interpretada à luz da fala do Cap Vagner: o pára-quedista é construído como um combatente que, no momento em que se depara com a oportunidade de cumprir uma missão (a missão de paz no Haiti), esses combatentes são capazes de empregar todo o seu preparo para alcançarem o sucesso, a vitória. O pára-quedista é construído como aquele que pode resolver os problemas: 'a partir do momento que a gente foi resolvendo o problema, a coisa ficou mais tranqüila.' Segundo Vagner, a audácia de um pára-quedista, ou seja, sua coragem, abre oportunidade para que o mesmo, usando das qualidades profissionais que domina, mostre a todos os atributos de um herói.

As análises das narrativas em que os pára-quedistas abordam a questão do medo remetem a uma discussão sobre a condição humana e este tipo de emoção na construção de identidade de um pára-quedista. Considerando que 'os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural de onde emergem' (Rezende e Coelho, 2010:11), na comunidade pára-quedista a idéia de ter coragem é construída como a habilidade de vencer o medo. Discutir sobre o trabalho discursivo elaborado por meus pares-entrevistados na construção de sentidos para o ideal pára-quedista 'coragem' (entendida como a superação do medo) deixa ver que as emoções são construtos sociais com efeitos importantes nas interações na comunidade estudada. Superar o medo faz sentido na comunidade pára-quedista uma vez que suas missões suscitam este tipo de emoção, isto é, eles são constantemente colocados em situações onde seu instinto de sobrevivência (para usar um termo sugerido pelo Capitão Vagner), evidenciado

pelo medo, é instigado. A coragem vista como a superação do medo é uma representação trabalhada discursivamente na comunidade pára-quedista e traz as marcas desta cultura. Eles pensam sobre essas questões, trabalham estas emoções, negociam-nas inclusive como um dos elementos das práticas ideológicas na comunidade pára-quedista, haja vista considerarem a coragem como um dos elementos da mística pára-quedista. Analiso que ao trabalharem discursivamente o entendimento da superação do medo, os pára-quedistas denotam consciência de sua condição de mortal, de ser humano feito de carne e osso... e coragem.

Durante sua fala, o Capitão Vieira esmerou-se em delinear os ideais cultuados pela tropa pára-quedista, a saber: patriotismo, voluntariedade, coragem, espírito de cumprimento de missão, determinação, dedicação, espírito de equipe, preparo intelectual, preparo emocional, preparo físico, preparo profissional, tradição, liderança, profissionalismo, honestidade, capacitação técnica. Pude perceber que esses ideais são mencionados igualmente na fala de todos os meus entrevistados, reforçando a idéia de que a prática de tais ideais estabelece o terreno comum a ser compartilhado apenas por quem os vivencia. Os limites do grupo ficam, assim, demarcados. Suas identidades sociais são, desta forma, construídas na práxis.